



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CAMPINA GRANDE - PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

WESLEY RANGEL BRASILEIRO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DE EX-CANGACEIRAS CONTADAS
A PARTIR DE UMA ESCRITA DE SI**

CAMPINA GRANDE – PB
2014

WESLEY RANGEL BRASILEIRO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DE EX-CANGACEIRAS CONTADAS
A PARTIR DE UMA ESCRITA DE SI**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduado.

Orientadora: Prof^a Dr^a Auricélia Lopes Pereira

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237m Santos, Wesley Rangel Brasileiro dos
Memórias de ex-cangaceiras contadas a partir de uma escrita
de si [manuscrito] / Wesley Rangel Brasileiro dos Santos. - 2014.
49 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Dra. Auricélia Lopes Pereira,
Departamento de História".

1. Cangaço 2. Historiografia 3. Memória I. Título.


21. ed. CDD 303.484

WESLEY RANGEL BRASILEIRO DOS SANTOS

**MEMÓRIAS DE EX-CANGACEIRAS CONTADAS A PARTIR
DE UMA ESCRITA DE SI**

Monografia apresentada no Curso de
Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de graduado.

Aprovada em 03/12/2014.


Prof.ª Dr.ª Amélia Lopes Pereira / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. José Adilson Filho / UEPB
Examinador


Prof.ª Ms. Maria de Lourdes Lôpo Ramos / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu avô, Ulisses Tomaz de Lima (*in memoriam*), pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer ao Bom Deus, pelo sentido da vida, as oportunidades e escolhas que me são oferecidas. Aos meus familiares, meus pais particularmente, que acompanharam todo o itinerário da minha opção acadêmica.

Sou grato pelos amigos, que direta ou indiretamente contribuíram com pequenos gestos no meu processo de formação, sem me esquecer dos laços que foram construídos ao longo desses anos no espaço acadêmico, na sala de aula, nas discussões e avaliações, aos meus professores que muito me ensinaram, aos funcionários pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Em cada período, em cada semestre, tivemos a oportunidade de construir os percursos dos saberes. Um agradecimento à professora Dr^a Auricélia Lopes Pereira pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, momentos produtivos e uma multiplicidade de conhecimentos.

Não poderia deixar de lembrar o professor Paulo de Moraes Marques, sua gentileza em me ceder uma pequena entrevista contando as ricas experiências ao lado de Ilda Ribeiro de Souza “Sila”, ele não mediu esforços em colaborar com o desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigado.

Sou muito grato pelas estreitas amizades de Ellen, Ana Carolina, Geilza, Marciane e Kelly, que ao longo dos nossos cinco anos de convivência possibilitaram o exercício do bom relacionamento, dos gestos de cordialidade e confiabilidade nas mais diversas etapas da formação acadêmica, superamos tabus, enfrentamos desânimos na aventura de alcançar nossos objetivos.

Obrigado aos que exercem um protagonismo em minha vida, andarilhos de uma boa história que não se cansam de gastar a sola dos sapatos, que não temem em apostar na vida.

Nossa memória é nossa coerência,
nossa razão, nossa ação, nosso
sentimento. Sem ela, somos nada.
(Luis Buñel).

RESUMO

Este trabalho historiográfico discute a profusão das escritas de si no cenário das memórias de ex-cangaceiras que estiveram ligadas ao cangaço lampiônico nas décadas de 1920 e 1930, suscitando experiências do passado como recorte temporal para o tempo presente. A escrita de si sustenta um retorno do autor, constrói a noção de sujeito, este que fala, que se expõe aos olhos do outro, é dar-se a conhecer sem privações, relatar suas lembranças de um passado nunca esquecido, mas sempre presente num eterno instante. A multiplicidade das memórias constitui os relatos da figura feminina nos recônditos dos bandos, ao lado de seus companheiros, essas mulheres falam de acontecimentos, contribuem com novos aprimoramentos acerca dos discursos associados à imagem de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo “Lampião”, como também das tramas orquestradas pelos bandos de cangaceiros que o seguiam. É o cangaço dito *lampiônico* que alcançou grande dimensão, seja na literatura bibliográfica, nos cordéis, nas obras cinematográficas, na dança e até no imaginário cultural das pessoas. Talvez o episódio de Angicos, com o trágico fim de Lampião, tenha decretado de vez o sepultamento do cangaço como atestam alguns pesquisadores, mas queiram ou não, a figura de Virgulino Ferreira da Silva continua vigente nas mais diversas manifestações e na memória de homens e mulheres que conviveram com o *rei do cangaço*, sempre ressuscitado o cangaço não morre e não quer morrer. Particularidades e subjetividades deixadas em escritos, lembranças, entrevistas, discursos, fazem dessa pesquisa uma proposta e o objetivo de olhar para o *eu*, o *eu* que fala e se oferece ao olhar do *outro*, ao mesmo tempo em que olha para si mesmo. Assim, as memórias (in)voluntárias das ex-cangaceiras associam-se as vozes marginalizadas que tem como fundamento as minorias, elas assumem o diálogo permanente, um pacto autobiográfico entre autor e leitor, elas fazem uma escrita de si.

PALAVRAS-CHAVE: Cangaço. Lampião. Memórias. Escrita de si.

ABSTRACT

This historiographical work discusses the profusion of writings of self in the scenery of the ex cangaceiras memories of that were linked to cangaço lampiônico in the 1920s and 1930s, inspiring experiences of the past as temporal cut for the present time. The written sustains up a return of the author builds the notion of subject, this that speaks, which exposes itself to eyes of the other, is if make themselves known without deprivations relate their reminders of a past never forgotten, but always present in a eternal instant. The multiplicity of memories constitutes the reports of the female figure deep of the gangs, along with his companions, to these women talk about events, contribute new enhancement about the discourses associated with the image of Virgulino Ferreira da Silva, known as "Lampião", as well as of wefts orchestrated by cangaceiros gangs them that followed. Is the cangaço said lampiônico which achieved large dimension, either in bibliographic literature, in twine, in cinematographic works, in dance and up in the cultural imagination of people. Perhaps the episode Angicos, with the tragic death of Lampião, has decreed every now the cangaço entombment as attested someresearchers, but like it or not, the figure of Virgulino Ferreira da Silva remains in force in the most diverse manifestations and men and memory women who lived with the king of cangaço, always risen the cangaço does not die and do not want to die. Particularities and subjectivities left in written, memories, interviews, speeches, make this research a proposal and the aim of look at the self, the self that speaks and offers to the look of the other, the same timewhereinlooks at for yourself. Thus, the memories (in) volunteers the ex cangaceiras associate themselves marginalized voices that has as its foundation the minorities, they take on the ongoing dialogue, an autobiographical pact between author and reader, they do a written itself.

KEYWORDS: Cangaço. Lampião. Memories. Writingitself.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A ESCRITA DE SI: autobiografias que sustentam o discurso do <i>outro</i>	15
3. DO DITO AO ESCRITO: a memória como criação.....	25
4. NA VOZ DE EX-CANGACEIRAS: memórias (in)voluntárias postas em questão..	35
4.1 As memórias reveladas.....	40
5. CONCLUSÃO.....	46
6. REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Utilizando o termo que caracteriza a narrativa de um narrador em primeira pessoa, *a escrita de si* será o fio condutor desta pesquisa historiográfica acerca da profusão de escritas de si no cenário das particularidades e subjetividades deixadas em escritos, lembranças e discursos de mulheres que fizeram parte do cangaço lampiônico. A *escrita de si* tem uma presença forte na história, onde o sujeito se inscreve no horizonte da formação da sua própria identidade, os seus conflitos e suas transformações. É necessário se comunicar, recolocar o discurso dentro da história.

Sustentar a existência de um retorno do autor implica necessariamente entrar no debate sobre a produção da subjetividade em relação com a escrita. O sujeito pós-moderno que vive uma constante transformação, fragmentado, descentralizado, ausente de si mesmo e inseguro quando relata sua autobiografia, esse sujeito pretende expor, relatar suas experiências, narrar os acontecimentos vivenciados ao longo do tempo. A autobiografia seria o limite máximo dessa busca, o *eu* que fala se oferece ao olhar do *outro*, ao mesmo tempo em que olha para si mesmo, o relato autobiográfico permite a excelência de um contrato entre autor e leitor.

As cartas, os diários, a produção bibliográfica, os relatos, as entrevistas compactuam de uma efetiva escolha que o sujeito faz de contar sua vida, desvendar-se aos olhos de quem o ver, sem restrições, aqui, as subjetividades são postas em questão. Como eixo de análise nos servirá as contribuições de Diana Klinger sobre a *escrita de si*. Ela trabalha ao longo de suas abordagens com obras ficcionais de autores como: Fernando Vallejo, Washington Cucurto e Bernardo de Carvalho. As discussões passam por duas categorias essenciais nesse tipo de escrita: autobiografia e romance. São elas responsáveis por expor o dilema acerca da representação da “outridade”.

É o “retorno do autor” e a “virada etnográfica caminhos propostos por Diana Klinger no decorrer de suas análises, onde a “A construção da figura do ‘outro’ vinculada à presença marcante da primeira pessoa desconfia da transparência e da neutralidade, e assim questiona a idéia de *representação*” (KLINGER, 2012, p.12). Sabemos que os relatos autobiográficos não estão isentos de parcialidade, quando o depoente fala de suas memórias ele separa, recorta, escolhe os movimentos que deve realizar para falar de si, ocasionando em certos momentos desvios de determinados elementos que estão somados a gama de eventos que constitui o seu passado.

A escrita de si inserida no campo das narrações autobiográficas, constitui-se em uma estratégia do cuidado de si, “recolher-se em si, atingir a si mesmo, viver consigo mesmo, bastar-se a si mesmo, aproveitar e gozar de si mesmo” (FOUCAULT, 2004, p.149), propiciando a famosa pergunta pós-moderna “quem sou eu?”. A escrita de si pede essa resposta, responsável em promover a coerência e unidade entre as subjetividades fragmentadas, e isso acontece em função das características do próprio discurso narrativo, as memórias que vem à tona dão o sentido de uma linearidade histórica, que na maioria das vezes, a própria narrativa leva-nos a compreender que a história contada tem um começo, meio e fim.

A revelação autobiográfica promove o movimento do pensamento, um exercício do pensamento sobre si mesmo, uma *askêsis* vinculada à escrita como exercício pessoal. Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício, não se chega a lugar nenhum se não houver a prática constante de determinada técnica para um determinado fim; não se pode mais aprender a viver sem uma *askêsis*, como afirma Foucault. A narrativa de si sobre si mesmo mantém os pensamentos dia e noite a disposição. Nesse conjunto de informações, pretendemos discutir a escrita autobiográfica a partir do *eu* que fala, relata suas subjetividades e particularidades, tudo que é dito reconstitui as experiências passadas como sinônimo de “verdade”, a escrita que exerce uma função operadora da transformação da verdade em *êthos*.

Nosso objetivo aqui será tratar os relatos autobiográficos a partir de uma *escrita de si*, colocando em questão a natureza e as potencialidades do movimento de biografização de ex-cangaceiras que estiveram diretamente ligadas ao cangaço lampiônico; suas tramas, conflitos, paixões, aventuras, desmandos e mortes estiveram intrinsecamente relacionados no passado dessas mulheres que desejam falar, contar o que viveram nas veredas do sertão nordestino nas décadas de 1920 e 1930, como também os anos que sucederam o cangaço.

Numa abordagem de maior relevância tomaremos duas obras bibliográficas que marcam essa discussão a respeito dos relatos autobiográficos: *Sila: uma cangaceira de Lampião* e *Sila: memórias de guerra e paz*. São instantes de uma vida, memórias nunca esquecidas e continuadas em um *sempre-presente*, relatos que denotam as multiplicidades da memória contadas a partir da própria subjetividade do sujeito. Outros elementos também serão trabalhados ao longo dessa pesquisa, mecanismos que constituem os fragmentos memorialísticos: os depoimentos de Sérgia Ribeira a “Dadá”, alguns trechos de entrevistas

com Adília, Aristéia e Durvalina, caracterizam a problematização dessa discussão historiográfica.

Nosso objetivo primeiro será tratar as discussões que associam a escrita de si com o discurso do *outro*, acontecimentos passados que ligam o sujeito ao momento atual, tornando-o objeto do presente. Ressaltando as divergências e suas polêmicas que abrangem as narrativas autobiográficas, situando a *escrita de si* não como uma novidade do século XX, mas considerá-la como uma das tradições mais antigas do Ocidente, entre os séculos I e II. Logo em seguida, faremos um balanço das *Confissões* de Agostinho como forma de introspecção, um auto-exame, uma escrita autobiográfica, pois, escrever é se “mostrar” aos olhos do outro, é dar-se a conhecer, o autor autoriza-se com suas memórias, caminhos que denotam uma afirmação pessoal ao ocupar-se consigo mesmo. Ao debruçar nossas atenções para os depoimentos das ex-cangaceiras queremos acompanhar os vestígios, as sombras destas memórias de mulheres que estiveram envolvidas com o famigerado cangaço lampiônico. Seus testemunhos acerca da figura de Lampião permitem novos caminhos para este cangaço, que tantas vezes, ao longo da história, já foi motivo de inúmeras discussões.

Não poderíamos de forma nenhuma dispensar as contribuições de autores como: Michel de Certeau, Foucault, Deleuze e, incontestavelmente, as reflexões teóricas de Friedrich Nietzsche ao falar da crise do sujeito na contemporaneidade. São pensadores que no itinerário dessa discussão estarão realizando esse movimento teórico com as memórias deixadas através de escritos, depoimentos, entrevistas, confissões..., de experiências vividas, de traumas, de sensibilidades associadas às tramas que fizeram os instantes finais de um cangaço que não decidiu morrer em Angicos, mas, constantemente, é ressuscitado na memória do tempo presente com suas várias significações.

Logo em seguida, no segundo capítulo, fazendo uso das abordagens da historiadora Verena Alberti, pretendemos traçar os caminhos para uma “história dentro da História”, revisitando historiadores da Antiguidade como, Heródoto, Tucídides e Políbio e ver como eles já utilizavam desse procedimento – oralidade – para descrever os acontecimentos da época. É a oportunidade que teremos de identificar muito do que já foi dito a respeito do cangaço, apesar de que, o *dito* estará sempre no campo das inúmeras significações, “onde o dito preenche o vivido; onde o dito comprova, legítima, reproduz este mundo vivido” (PEREIRA, 2000, p.83). Então, sempre cautela ao utilizarmos a oralidade quando acompanhada do sujeito ausente, as falas merecem crédito, mas também requer rigor metodológico quando trabalhadas. São as “memórias benditas e malditas” num determinado tempo e lugar.

As entrevistas recuperadas acerca dos personagens que estiveram ao lado de Lampião apostam na memória como criação, os *ditos* constituem os artefatos necessários para relatar as tramas, os espaços vazios e até o *não-dito*. Resgatar a história desses silêncios será um dos objetivos ao longo do segundo capítulo, os vários depoimentos deixados por “Sila” na UFRPE na década de 1980, ou o *Simpósio: A trajetória do cangaço e sua repercussão social*, que ocorreu em 1988 na cidade de Aracajú-SE, que, além de “Sila”, contou também com a presença de “Dadá”, permitirá destacar os testemunhos dessas mulheres.

A partir das memórias contadas faremos uso das análises de Maurice Halbwachs, um movimento teórico em privilegiar as memórias marginalizadas, a análise dos “excluídos”, as falas dos que tentam romper o tabu e quebrar de vez com a “história oficial”. As lembranças esperam um momento oportuno para falar, contar suas histórias, elas permanecem vivas e querem falar de suas experiências de uma geração para outra. Apontaremos também reflexões que tornam o *dito* caminho ou passagem para o *escrito*, as diversas apropriações que, ao longo dos anos, foram dadas ao cangaço lampião e o perigo da espetacularização do passado. Por que por trás do *infame* estará sempre um sujeito codificado, repleto de signos e significações.

Por fim, no último capítulo abordaremos as *memórias (in)voluntárias* das ex-cangaceiras, sob a inspiração da noção de *dobra* de Deleuze, que se refere à multiplicidade de enfoques e às infinitas interpretações possíveis sobre o real, com a colaboração da obra *As dobras da memória* de Miguel Angel de Barrenechea e outros autores, queremos identificar como as autobiografias, os discursos, as falas são postas em questão no campo da subjetividade. Desejaremos apresentar a entrada das primeiras mulheres no cangaço e como essa nova realidade trouxe diferentes contornos para o cotidiano dos bandos. Mulheres com diferentes experiências; algumas a revelia, foram raptadas de suas famílias para seguir o percurso incerto das caatingas. Por outro lado, tiveram as mulheres que decidiram por livre escolha acompanhar as sombras de um cangaço envolvido na dicotomia da vida e da morte, como foi o caso de Maria de Lampião, ou, mais conhecida “Maria Bonita”.

A figura feminina, mais do que uma companheira, ritualizou componentes que a fez atravessar a eternidade temporal, ela sublinhou novos traços ao lado dos seus companheiros alcançando o tempo presente como uma liberdade de significados que revelam um passado vivido e experimentado. O passado e a memória se juntam, consegue desvencilhar os acontecimentos, os ritos, os episódios que marcaram a vida dessas mulheres relatam possibilidades, um eterno instante que estará presente em suas falas. O discurso das ex-cangaceiras permite “violiar” o passado, as memórias (in)voluntárias alcançam o rastro do

tempo e podem ser transformadas em recursos para se pensar o olhar retrospectivo sobre si mesmo e o desejo de compor uma continuidade entre passado e presente.

1. A ESCRITA DE SI: AUTOBIOGRAFIAS QUE SUSTENTAM O DISCURSO DO OUTRO

Desde a antiguidade, a *escrita de si* está presente na humanidade como uma tentativa de trazer a memória fatos e acontecimentos que ligam o sujeito ao momento atual, de forma a torná-los objetos do presente, um recorte contemporâneo. Ao longo dos séculos, a função da escrita de si não desempenhou o mesmo papel, ela foi tomando formas ao longo do tempo. Vejamos, por exemplo, a figura de santo Agostinho, que com suas *Confissões* na Idade Média dá a conotação de uma introspecção, um auto-exame, uma escrita autobiográfica, é algo individual, essencialmente privado, a exigência dogmática lhe cobra um balanço de todos os seus atos, pensamentos e intenções da alma. Agostinho faz uma auto-exploração incessante da própria subjetividade através da escrita para se chegar a Deus, onde “[...] a memória é o presente do passado, o que é dito do tempo e de sua relação com a interioridade pode facilmente ser estendido à memória” (RICOUER, 2007, p.111).

A escrita de si sustenta a existência de *um retorno do autor*, constrói a noção de sujeito, como atesta Foucault “na Antiguidade greco-romana o ‘eu’ não é apenas um assunto sobre o qual escrever, pelo contrário, a escrita de si contribui especificamente para a formação de si” (KINGLER, 2012, p.23). Escrever é se “mostrar”, se expor ao outro com suas particularidades, é dar-se a conhecer sem privações, é a subjetividade do discurso, uma maneira de se oferecer ao olhar do outro e, ao mesmo tempo, uma abertura para si mesmo, dar um parecer sem reservas, o autor autoriza-se contar suas memórias, todos esses caminhos possuem a marca comum da afirmação pessoal, um *eu* que se revela ao longo do discurso, da escrita, do texto, tentando justificar sua subjetividade, sua individualidade.

As autobiografias falam por si, falam de si, por isso mesmo, a presente pesquisa tem o compromisso de identificar nos vestígios deixados pelas memórias das ex-cangaceiras que estiveram envolvidas no famigerado cangaço lampiônico a subjetividade de um passado tão presente, uma narração que fale da própria vida. Figuras como Sila, Dadá, Aristéia, Durvalina, Adília, ao longo das últimas décadas, contribuíram com novos aprimoramentos acerca dos discursos associados à imagem de Virgulino Ferreira da Silva, vulgo “Lampião”, como também das tramas orquestradas pelos bandos de cangaceiros que o seguiam. Livros, jornais, revistas, documentários, falam de experiências vividas por estas mulheres que não esqueceram, não conseguem transformar o esquecimento em lembrança, é muito mais que isso, o passado na vida das ex-cangaceiras significa uma relação de experiência e de memória.

É necessário se “comunicar”, deixar algo. Quando Thompson afirma que “sem cultura não há produção”, Certeau se antecede dizendo que “comunicar é produzir cultura”. O ser humano se comunica pela palavra, pelos gestos, pelo corpo, através do modo de ser, de se comportar, de estar presente no mundo social. A pergunta de Nietzsche – “quem fala?” -, até o extremo ele manterá a interrogação sobre aquele que fala. Como o século XVII já havia anunciado a *morte de Deus*, o século XX com Michel Foucault haveria de apontar a *morte do autor*, o seu desaparecimento do texto escrito, um apagar-se de si mesmo de sua própria linguagem. Mas, por outro lado, como adverte Foucault (*apud* KLINGER, 2012, p.29), não é tão fácil desassociar a categoria de autor com o conceito de obra, o autor da escrita existe como *função autor*:

Ele exerce um certo papel em relação aos discursos, assegura uma função classificadora, manifesta o acontecimento de um certo conjunto de discursos e se refere ao estatuto deste discurso no interior de uma sociedade e no interior de uma cultura.(idem, ibidem).

Em duas obras publicadas sobre Ilda Ribeiro de Sousa: *Sila: memórias de guerra e de paz (1995)* e *Sila: uma cangaceira de Lampião (1984)*, a “protagonista” conta suas experiências, sua história de vida, ela se justifica pela necessidade de dizer o não-dito, vejamos:

Aos 13 anos perdi meu pai. Ficamos morando, eu e meus irmãos, em Poço Redondo, na mesma casa. *A Casa dos Sete Umbuzeiros*. Aqueles dias eram tristes e longos sem a presença de meu pai. A, saudade e a nostalgia tomou conta de mim. (SOUSA, 1995, p.14).

Seja no cangaço ou fora dele, percebe-se a nítida manifestação da subjetividade de “Sila” no discurso, uma relação de acontecimentos num certo espaço social. Sila forçou seu espaço, quase três anos de cangaço lhe deram condições de resistir a tudo e a todos, inclusive o tempo, quis contar o que aconteceu, não fez do *não-dito* uma ferramenta de esquecimento das experiências de outrora, deixou-nos uma história composta de memórias e depoimentos capaz de despertar sempre uma pesquisa mais apurada do fenômeno denominado de *cangaço*. O lugar que Sila fala é o lugar da permissão, ela já não é mais cangaceira, Sila concede espaço para Ilda Ribeiro de Sousa contar o que viveu. A história lhe dá créditos de dizer como foi o convívio ao lado de Lampião, Zé Sereno e seu bando..., o que define o discurso de Ilda Ribeiro é o relato saudosista ou nostálgico de não deixar que a linearidade histórica se aproprie totalmente do acontecimento denominado, cangaço. Recentemente em entrevista,

quando perguntada sobre os inúmeros boatos que giravam em torno de Lampião e se era verdade que ele raptava crianças ao passar pelos povoados, Ilda enfaticamente respondeu que tudo era história, “agente que viveu no mato, que lutou, que viveu com Lampião, é uma história tão mal contada que esse povo conta”¹. Ao contrário, no momento que Sila teve seu primeiro filho Lampião e “Maria Bonita” foram escolhidos para serem os padrinhos:

Algumas pessoas assistiram ao batizado. Maria Bonita e Lampião, seus padrinhos, jogavam-lhe água na cabeça e diziam a um só tempo:
- “Te batizo em nome do Pade, do Fio e do Espírito Santo. Amém”. “Que Deus te dê sorte, João da Mata”, disseram ainda. (SOUZA; ORRICO, 1984, p.87).

O fato de Sila oferecer seu discurso através da escrita permite ao leitor identificar que a autobiografia das experiências vividas sustenta o discurso do *outro*, quem escreve acaba suscitando o respeito humano e a vergonha², não abrindo demasiadas brechas para especulações alheias. Corre nas veias de quem escreve a finalidade de dizer tudo, as tramas e os personagens que estiveram envolvidos, pois “a escrita constitui uma experiência e uma espécie de pedra de toque: revelando os movimentos do pensamento, ela dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo” (FOUCAULT, 2004, p.145). É o pacto implícito que o autor estabelece com o leitor. Segundo o conceito de Lejeune (*apud* KLINGER, 2004, p.10), “o ‘espaço autobiográfico’ compreende o conjunto de todos os dados que circulam ao redor da figura do autor: suas memórias e biografias, seus (auto)retratos e suas declarações sobre sua própria obra ficcional”. O traço marcante do discurso do autor está intrinsecamente relacionado ao lugar que ele está inserido, é daí que ele emite o discurso, as características de sua escrita.

Para Michel de Certeau o que define o discurso é o lugar institucional do sujeito, ou o espaço do qual ele faz parte, com suas influências ou não. Na operação historiográfica Certeau vai se perguntar por aquilo que define o que seja um discurso historiográfico. O que é um bom discurso historiográfico? O que é um bom livro de História? Com palavras sucintas, ele vai responder, “É aquilo que os pares definem como tal, é aquilo que a instituição define como tal”, ou seja, Certeau dá uma enorme importância ao texto, ao enunciado, ao lugar, a escrita. Por um lado, ela – a escrita –, estoca os “segredos” do lado de cá, retém as informações, não perde nada. É arquivo. Por outro lado, ela “declara”, avança ao

¹ Relatos de Ilda Ribeiro de Souza “Sila”, ex-cangaceira do bando de Lampião, numa entrevista concedida ao programa de televisão da TV Bandeirantes, 2001.

² FOUCAULT, Michel. “*A Escrita de Si*”. *Ditos e Escritos*. v. V. *Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro: Forense, 2004 [1983], p.145.

conhecimento dos destinatários, “sem sair de um lugar”, sem sofrer alterações em seus progressos. Dessa forma, o princípio fundamental na análise do discurso em Certeau não é uma análise interna, nem formalista do discurso, mas é antes de tudo, uma análise do discurso a instituição, onde ele liga o discurso às condições de produção, ou seja, a pergunta de Certeau é “O que liga o discurso ao seu lugar?”. Ele mesmo afirmará em linhas gerais, “É em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam” (CERTEAU, 2013, p.47). Na obra *A Escrita da História* Certeau identifica as etapas fundamentais da historiografia e suas diferentes abordagens ao longo do tempo, estabelecendo um amplo diálogo entre várias áreas do conhecimento, seja no campo da religião, da epistemologia, metodologia e semiótica. É um “resgate” da narrativa e do discurso pelo sujeito no seu espaço, uma oralidade etnográfica, onde “a linguagem oral espera, para falar, que uma escrita a percorra e saiba o que ela diz” (idem, ibidem), são os agentes da história que relatam suas tramas.

Mas na verdade o que é um autor? Na pós-modernidade se fala muito que o sujeito está fragmentado, ele foi desconstruído, de *si mesmo* tem desaparecido os caracteres individuais, sua marca nada mais é do que a singularidade de sua ausência. Diana Klinger revisita o texto de Foucault “O que é um autor?” (1969) para compreender melhor essa relação do sujeito com a escrita, ou seja, como o texto aponta para essa figura que é exterior e anterior a ele. Assim, “[...] o sujeito que escreve não deixa de desaparecer” (FOUCAULT, 1969 *apud* KLINGER, 2012, p.29), ele continua presente no tempo e na história, possui a palavra transformada em escrita que prolonga o gesto sem modificar esse próprio sujeito. O narrador tem o compromisso de contar a história de sua vida, coincide, com a história de sua transformação, “como me tornei o que sou”, dirá Nietzsche, talvez Sila tivesse dito “como me tornei cangaceira”, bem próximo do que ela afirmou em entrevista:

Eu não tinha muita noção do que era o cangaço. Apesar de ser considerado um movimento revolucionário, naquela época ninguém pensava assim, nem Lampião. Era o jeito sobreviver-mos sem obedecer aos coronéis. Eu achava que aquilo não era vida de gente. Mas não tinha saída.³

Eram as circunstâncias do momento, todas as garotas jovens corriam aquele risco, de uma hora para outra se tornar cangaceira, serem escolhidas por um dos homens do bando como companhia nos longos percursos que as caatingas haviam de lhes proporcionar, como

³ “Fui cangaceira do bando de Lampião”, revista *Marie Claire*, 2000.

incertezas e incompreensões, “o episódio que funda o ato autobiográfico é um fator absolutamente corriqueiro e trivial que marca um antes e um depois na vida do narrador” (KLINGER, 2012, p.16), a história de vida do narrador é atravessada por um *instante*, sua narrativa revela um aspecto de compromisso entre autor e leitor.

O despertar acadêmico de investigar temáticas no campo da subjetividade conduz a realizar esse recorte histórico as sensibilidades de personagens que fizeram parte das “tramas” nos recônditos dos bandos de cangaceiros através das memórias como fonte histórica. De acordo com Cavalcanti, “Nesse sentido, consideramos as memórias menos como conhecimento e razão e, mais como sensibilidade e afeto [...] (2011, p.135-136). Biografias, discursos, lembranças como as de Sila, Dadá, Aristéia, Durvalina e Adília, norteiam o suporte documental imprescindível para as análises e elaborações da pesquisa que ora se realiza.

As abordagens sobre relatos de vida proporcionam uma gama de narrativas de personagens que não estão preocupados em recusar o presente para reviver o passado, rememoram os fatos amparados pela guisa do presente, as memórias (in)voluntárias alicerçam as imagens resguardadas pelo tempo. O *eu* deseja falar, “assinar” um pacto com o leitor, como afirma o escritor francês Philippe Lejeune “aquilo que define a autobiografia, para o leitor, é, sobretudo um contrato de identidade selado pelo nome próprio” (1975 *apud* KLINGER, 2012, p.36). A identidade dos nomes, o tom dos discursos empregados por seus autores constituem para o leitor que as narrativas pressupõem uma garantia de verdade.

Por que se inserir na história? Qual o motivo de se deixar olhar pelo outro? E será que o outro também tem a posseção do discurso? Personagens que sobreviveram aos ataques vorazes das volantes, figuras que ultrapassaram a *batalha de Angicos* deixaram marcas, relataram experiências que tornam vivas suas memórias (in)voluntárias. Depoimentos e reminiscências de Dadá contam o que foi sua experiência ao lado do homem que ela tanto amou, o cangaceiro Corisco ou o “Diabo Louro”. A companheira de Corisco se destacou nas manobras de lutas das caatingas, por muito mais tempo do que Sila, Sérgia Ribeira de Souza a “Dadá” carregou consigo mais de dez anos percorrendo o sertão nordestino, fugindo das volantes, se abrigando na proteção dos coiteiros enquanto o destemido sentimento de companheirismo por Corisco crescia a cada instante, uma relação que se construía a cada passo. A própria Dadá relatou em entrevista:

eu gostava muito de Corisco, eu tinha o amor do mundo por ele, lutava, eu assumi o comando depois que ficou sem os braços, que ficou sem os dois braços, os braços não tinha firmeza, o outro ficou seco com as balas, cortou e

ficou com a mão seca. Ele não pegava, a arma dele eu tomei conta, passei quase um ano nessa peleja..., foi tudo o amor que eu tinha por ele.⁴

A narrativa de uma escrita de si de cunho autobiográfico lhe permite confessar as memórias, Dadá se inscreve no horizonte da formação da própria identidade, revela seus conflitos e suas transformações. Ela conta como se constituía as relações no cotidiano dos bandos, ela aceita o compromisso de ter o *falo* como ferramenta enunciativa de um evento que aconteceu em determinado tempo e lugar, seu testemunho autobiográfico pretende revelar os fatos de uma geração e suas nuances, como afirma Klinger (2012, p.21) “É verdade que toda contemplação da própria vida está inserida numa trama de relações sociais, e, portanto, todo relato autobiográfico remete a um ‘para além de si mesmo’”. Dessa maneira, Dadá se propõe a falar, não simplesmente de memórias, mas descrever um relato de experiência como expressão de uma época, com suas tramas e personagens. O próprio Dilthey já se referia ao recurso biográfico como arte, senão uma hermenêutica de articulação de experiência, de expressão e de compreensão do próprio sentido da vida⁵. Percebemos na atualidade um verdadeiro “boom” das pesquisas que tratam sobre relatos de vida, talvez nunca se tenha debruçado tanto nos estudos de caráter autobiográficos como agora. Adentrar na particularidade dos sujeitos não é tarefa tão fácil, se deparar com histórias de amores, de saudades, melancolia, perdas a partir de uma abordagem autobiográfica sempre será uma atividade desafiadora e complexa.

Outro exemplo foi à entrada de Durvalina Gomes de Sá no cangaço, quando logo cedo abandonou a casa dos pais para correr atrás de Virgínio cunhado de Lampião, que logo depois em 1936 com a morte do próprio Virgínio, Durvalina viria a contrair um novo relacionamento, agora com o cangaceiro Moreno, com este teve seis filhos. Um caso de amor que nasceu no meio do fogo cruzado entre volantes e cangaceiros, e são as marcas de balas que fazem Durvalina enunciar suas memórias quando em certa ocasião fugia da volante, “Era muita polícia que rodeava. Eu saí correndo, deixei tudo no chão, meu rifle, minhas cobertas...”⁶. Aqui, não é simplesmente um registro do *eu*, mas a fala constitui o próprio sujeito, *performa* a noção de indivíduo, como atesta Foucault. O discurso autobiográfico na contemporaneidade se constitui em continuidade dos eventos vividos, o *retorno do autor* com sua escrita implicam, necessariamente, entrar no debate sobre a produção da subjetividade em relação com essa própria escrita.

⁴ Relatos da ex-cangaceira “Dadá” extraídos do documentário *A musa do cangaço (parte 1)*.

⁵ CAVALCANTI, Silêide Leila Oliveira. Op., cit., p.140.

⁶ Reencontro dos ex-cangaceiros Moreno, Durvalina e Aristéia. Reportagem do Jornal Nacional: 12/06/2007.

Recentemente, a ex-cangaceira Aristéia⁷, companheira do cangaceiro Catingueira, foi perguntada se a vida no cangaço lhe causava medo, de pronto respondeu “Eu tinha, dei graças a Deus ir me embora. Agente sofreu que só o diabo”, e ainda quando questionada sobre a morte de Lampião, se teria sentido pena logo após o acontecimento de Angicos, ela foi bem direta e respondeu “Nem um pinga!”. As memórias reveladas por uma *escrita de si* permitem o autor estabelecer um laço com o leitor que arde no desejo de pesquisar mais, conhecer mais, ir aos recônditos dos pensamentos enunciados, acompanhar tudo de perto sempre associado a uma função *etopoiética*⁸ que a escrita possui. Por isso mesmo, os fragmentos de memórias podem ser transformados em recursos e possibilidades metodológicas ao longo de uma determinada pesquisa. São as pedras fundamentais na análise do discurso. Dessa forma, o movimento que esta pesquisa tem procurado oferecer é tomar como eixo as falas das mulheres que viveram e sobreviveram ao famigerado movimento do cangaço. Talvez, uma possibilidade ímpar contar com a contribuição de importantes depoimentos, de experiências vividas por mulheres que não encontrando outras escolhas, “optaram” em acompanhar nas veredas dos sertões o dualismo da vida e da morte.

Os personagens dessa história são narradores, são mulheres que não esquecem, preferem fazer uma *escrita de si*, desejam testemunhar tudo que viveram e sofreram, “E, por isso, é preciso que eles [elas] não estejam simplesmente colocados em uma espécie de armário de lembranças, mas profundamente implantados na alma, ‘nela arquivados’, diz Sêneca” (FOUCAULT, 2004, p. 148). Adília, também ex-cangaceira, nos oferece esse gozar-se de si mesmo, realizando um movimento de oferecer-se ao olhar do outro. Ao falar de sua época no cangaço, não sente saudades, faz da memória um exercício de pensamento de eventos que não consegue ser esquecido, rememorar sem esquivar-se do presente. Em entrevista, dentre vários aspectos sobre a vida que levava ao lado do seu companheiro Canário até o momento que se entregou a polícia, ela mencionou alguns pontos que vale destacar:

O que eu sofri [...]. Logo encontrei um homem [Canário] que só faltava me matar [...]. Eu me entreguei só, me entreguei sozinha, já tinham matado Canário, quando mataram Canário eu me entreguei [...], fui pra Propriá, cheguei lá e me entreguei. Só passei cinco dias presa, mas em cela livre, não era em cadeia [...]. Tô aqui, vim me entregar, se quiser me matar a hora é essa, se quiser me prender também eu tô a disposição. O que quiser fazer comigo eu agora tô disposta a tudo. Aí, mandaram eu ir pro quarté [...]⁹.

⁷ Aristéia Soares, ex-cangaceira. Depoimento extraído do acervo de vídeos de Aderbal Nogueira.

⁸ Expressão cunhada por Plutarco. Ver: FOUCAULT, Michel. “A Escrita de Si”. *Ditos e Escritos*. v. V. *Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro: Forense, 2004 [1983], p.147.

⁹ Relatos de Adília em entrevista concedida ao acervo de vídeos de Aderbal Nogueira.

Adília desautoriza a presença da cangaceira, o seu lugar agora é de permitir a fala de um fenômeno que “evoluiu do ordinário-endêmico para o extraordinário-epidêmico” (MELO, 2004, p.97), que movimentou uma boa parte do Nordeste brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. Adília assumiu um pacto autobiográfico com o leitor de suas palavras, não meras palavras jogadas ao silêncio da história, mas um compromisso de captar o já dito na própria constituição de si. São esses e mais outros relatos que atraem essa pesquisa historiográfica por caminhos que adentram as subjetividades do outro, as lembranças do *sujeito da memória* que deseja falar, que quer contar sua própria história, que põe a escrita como ferramenta essencial na constituição do sujeito.

Michel Foucault ao debruçar-se sobre as pesquisas da *escrita de si*, ou, *as artes de si mesmo*, elencou uma série de análises e em uma delas se deparou com *os hupomnêmata*¹⁰, uma espécie de livro de vida, guia de conduta dos séculos I e II para um público culto. Para Plutarco, tal exercício tinha o poder de mudar substancialmente o sujeito e o mundo em que se vive. Ali se colocavam citações, fragmentos de obras, testemunhos e narrativas ouvidas. Eles constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas, pensadas. Essas anotações ofereciam um tesouro acumulado para releitura e meditação posteriores, uma conversa consigo mesmo e com os outros. Como argumenta Klinger (2012, p.24) “o objetivo dos hupomnêmata é recolher o *logos* fragmentário transmitido pelo ensino e fazer dele um meio para o estabelecimento de uma relação consigo mesmo”. Assim, o papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo”, afirma Foucault. Aquele, que transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas, pois “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’” (FOUCAULT, 2004, p.152).

É a partir dessa força que torna esta pesquisa historiográfica menos nebulosa em atingir o seu alcance, é a própria alma da escrita, da entrevista, do depoimento de mulheres que garantem a possibilidade de opiniões e mudanças diante dos acontecimentos experimentados, que podem produzir sentidos na constituição do próprio sujeito que fala, que escreve, que silencia. O pacto autobiográfico permite o leitor identificar a partir da escrita do autor, seus afetos, suas idéias, sensibilidades, sensações e percepções. A escrita dos livros de Ilda Ribeiro “Sila” nos concede o espaço necessário de ir além da linguagem convencional para nos encontrarmos no registro dos afetos. Sila nos conta mais do que muitos livros já se

¹⁰ Faz parte da série de estudos sobre “as artes de si mesmo”, sobre a estética da existência e o domínio de si e dos outros. Ver: FOUCAULT, Michel. Op., cit., p.147.

“cansaram” de contar, ela nos leva a refletir sobre suas vivências, seus anseios, decepções, alegrias. As experiências traumáticas ou as conquistas adquiridas ao longo da vida são fatores que oportunamente não são imputados da realidade de qualquer ser humano, carregamos isso conosco, o itinerário nos faz mais humano, ou demasiadamente humano.

Em muitos casos, quando o sujeito pretende se *expor* ao olhar do outro, necessariamente pode entrar em cena a fala como caráter confessional, redimir-se de algo que já passou, que o tempo cronológico por vias de regra conseguiu perpetuar. Foucault observa que, na Idade Média, a *escrita de si* funcionava como dispositivo de controle e reprovação das ações humanas. Nesse sentido, ela exercia a função de um espelho de si, corrigindo, penitenciando, adestrando o infrator diante de seus erros cometidos. Esse exercício de pensamento aliviava o sujeito que se via absolvido de toda sua culpa. Mas mesmo diante do ato confessional, quem se inscreve na plataforma dos olhares, dos holofotes está sujeito[a] a carregar consigo um *mea-culpa*. Segundo Nietzsche, “o ressentido não consegue esquecer porque está fixado na lembrança que justificaria o seu infortúnio” (CAMPELLO, 2008, p.124).

Muitas vezes, quem escreve chega desejando superar experiências negativas, deixar de lado o “espírito que suporta” para torna-se um sujeito que busca “encarar” o próprio peso, para, mais tarde, abandoná-lo, ultrapassá-lo. As memórias reveladas pelas ex-cangaceiras vislumbram experiências do passado, “Eu estive lá, participei do cangaço por dois anos, aproximadamente. Narro fatos que vivi, conto experiências feitas, falo de gente com quem convivi. Não relato acontecimentos de ‘ouvir dizer’” (SILA; ORRICO, 2004, p.18). Elas se autorizam a falar desse passado e “celebrá-lo” de forma diferente dentro do próprio tempo presente, ultrapassando as experiências negativas e reconhecem, na sua própria existência, que é hora de esquecer o peso, onde as palavras assumem a leveza e compactua de uma realidade envolvida de novos aspectos, uma *força plástica*, na concepção nietzschiana.

Os depoimentos, as entrevistas, a produção escrita das ex-cangaceiras apontam caminhos condizentes com a memória, o ressentimento, o esquecimento e, também, o riso. Elementos relevantes que podem ser aproveitados para suscitar uma reflexão mais abrangente sobre a relação do homem com o seu passado. Como lidar com as experiências do passado? Como posicionar-nos diante de tais lembranças? O que devemos lembrar? O que devemos esquecer? O que não devemos contar? A exposição, o ato de dizer posiciona o sujeito a determinada relação com o seu passado, quem se permite falar vai descobrindo, aos poucos, a sua potência, e começa a refletir sobre sua experiência, modificando-se e, modificando quem pactua dessas próprias experiências relatadas.

Diante das seguintes análises, lembremos da obra de Friedrich Nietzsche, *Assim falou Zaratustra*, imagens ilustrativas que nos ajudam a refletir sobre as expressões artística e aforística que caracterizam a fala do autor. *Zaratustra* se comunica, dançando, rindo, parodiando, poetizando, mostrando que a linguagem possui inúmeras formas de expressão. Portanto, “Nietzsche, nesse livro, mostra que a existência pode tornar-se arte, que a vida como obra de arte será fonte de beleza e poesia, mesmo nas horas da dor” (CAMPELLO, 2008, p.128), pois a filosofia nietzschiana nos instiga ao movimento e à celebração da vida, para participarmos da festa da existência. Assim, a vida que habita um presente, afirma um passado e cria um futuro. Quem se inscreve na história tem a convicção desse processo, a escrita autobiográfica permite esse movimento da memória, ao contar os acontecimentos o sujeito recusa situar-se num tempo cronológico e assumir um tempo singular, não mais como linearidade dos eventos como proposta metafísica, mas como tempo presente e permanente da memória na constituição do próprio sujeito.

A autobiografia permite essa emancipação do sujeito, falar de suas memórias. Segundo Lacan, “O sujeito é aquilo que o significante representa para outro significante” (1964 *apud* KLINGER, 2012, p.44), é uma auto-afirmação de si mesmo, é alguém que tem representação e representa alguma coisa. A hermenêutica tem essa preocupação, dar espaço ao outro, o outro dotado de um saber, de uma cultura, de uma experiência de vida. Implica em um revisitar ativo, mas não um olhar objetivo das fontes, corre o perigo de saturarmos o outro com uma economia de signos, de sinais e de rastros, ou, ao cedermos espaço ao outro com nossos “olhares”, a espontaneidade e a subjetividade alheia desaparece e solidifica-se simplesmente o *meu olhar*, ou o olhar da medusa: olha e fica no que vê, o visto fica petrificado, inerte, calado pelo olhar. Mas como compreender esse outro em mim, no meu presente, o outro em meu espaço “gritando” em minhas entranhas? O *outro* quer revelar suas memórias, contar suas experiências, falar dos eventos experimentados. “Por dentro escuto seus gemidos”, diz Lévinas. Assim, ver o outro – e ser visto – faz parte dessa relação de identidade entre narrador e leitor, a *escrita de si* permite que o autor exiba-se “ao vivo” no momento da construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre sua subjetividade e perante os seus modos de representação, o “eu” não cessa de perguntar pelo sentido do outro, que não é senão ele mesmo. Talvez, a empatia seja o melhor caminho para reconhecer que o *eu* é um *outro* que se anuncia a partir das suas subjetividades, possuidor de um discurso que dá sentido ao próprio ser, mesmo quando o hermenauta tende a se deparar com as zonas de impossibilidade, o que lhe resta é silenciar e deixar o outro falar, contar suas memórias.

2. DO DITO AO ESCRITO: A MEMÓRIA COMO CRIAÇÃO

O “fenômeno” conhecido como *cangaço* sempre despertou a atenção de inúmeros pesquisadores, tanto na historiografia brasileira como na produção bibliográfica estrangeira. Muito tem se escrito até os dias de hoje, inúmeras narrativas inclinam-se em dar ênfase ao trágico ou ao romântico sem a mínima descrição de atropelar os eventos existentes naquele tipo de vida. É notório o cuidado quando se deseja falar sobre determinado tema, não é fazer uma espetacularização do objeto em estudo, ao contrário, a pesquisa requer métodos, paciência, um desdobramento metodológico da temática que se quer trabalhar. Ao longo desse capítulo pretende-se abordar as questões relacionadas com as narrativas, o muito que foi dito a respeito do cangaço, mais precisamente o cangaço lampiônico na sua caminhada fatídica em fins da década de 1930 onde a presença da figura feminina autorizava uma nova maneira de ver o cangaço, seus movimentos e instantes.

Do *dito* ao *escrito*, a oralidade desperta para falar, ingressa na plataforma da construção do discurso, faz da memória uma criação. A história oral tem o aporte de permitir ao pesquisador o acesso a “histórias dentro da História”. Vasculhar e remexer os labirintos do processo linear da história, retirar véus e desvendar personagens anônimos que testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. E o que seria na verdade fazer a opção por uma História oral? Diz-nos Verena Alberti (2005, p.155-156):

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita, [...] ela pode ser aplicada nas mais diversas áreas do conhecimento: na Educação, na Economia, nas Engenharias, na Administração, na Medicina, no Serviço Social, no Teatro, na Música....

Pode-se considerar que na Antiguidade, historiadores como Heródoto, Tucídides e Políbio já utilizavam desse procedimento – História oral – para descrever os acontecimentos de suas épocas. Outro exemplo seria os dados coletados dos relatos de chefes da República Francesa no imediato pós-guerra, ou, os vários testemunhos que foram transcritos sobre a Segunda Guerra Mundial, na Alemanha. Nesse tipo de pesquisa o historiador possui um interesse maior pela vida cotidiana, pela família, pelos anônimos e as tramas que os envolvem e, pelas formas de sociabilidade existentes, pois “uma das principais riquezas da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram

experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (ALBERTI, 2005, p.165).

O famigerado movimento do cangaço respondeu a uma determinada época, o seu lugar foi o lugar do *(mal)dito*, onde o tempo presente lhe dava as condições necessárias para a prática das mais terríveis atrocidades, do caos, desordem e infâmia. Lampião é aquele que não é riscado das páginas do esquecimento, nem o cangaço que, por muito tempo, o acompanhou, assim como os seus homens, assim como suas mulheres... “O lugar de Virgulino não é nunca deixado em paz; saqueado, é posto em campos de significação a ele, exteriores. E estes signos que vêm do exterior tornam sua ausência um lugar necessário no presente” (PEREIRA, 2000, p.77). Virgulino é o corpo danado que não quer morrer com o cangaço, o trágico evento de Angicos não se torna limite quando “memórias benditas ou malditas reatualizam constantemente esse lugar sem escrita” (idem, ibidem), a história não costura unicamente uma figura de Virgulino, mas as várias facetas de um Lampião que não se cansa de permanecer presente, recuperado e ressuscitado, um eterno instante.

O método hegeliano nos aponta caminhos que apostam na consciência de si como mecanismo de desalienação efetiva, é quando o espírito absoluto encontra-se consigo mesmo. “Neste momento não há nada que possa ser esquecido, tudo é saber, e o passado, presente e futuro se mesclam, constituindo uma memória plena” (GONDAR, 2008, p.96). A memória como forma absoluta nos leva a valorizarmos o *devoir* no fluxo completo das transformações. Assim, o presente estará sempre num eterno processo de metamorfoses, novas falas, novas entidades históricas, sempre um novo *dito*.

As entrevistas recuperadas acerca de alguns expoentes que estiveram ao lado de Lampião também apostam na memória como criação, os ditos constituem artefatos que ultrapassam o esquecimento, mas mesmo esse esquecimento não traria problemas à história nem tampouco a memória, logo por que, os lapsos, os espaços no vazio conceberiam para ambas a maneira criativa de construir um discurso. O esquecimento excede o tempo cronológico, o *chronos* devorador de tudo e de todos, que tudo destrói; o esquecimento está mais para um ato social e histórico, ele pertence às falas, aos anônimos, aquilo que compõe a marginalidade dos fragmentos causou uma dissolução do objeto, “tirou da história o privilégio do qual se vangloriava, quando pretendia reconstituir a ‘verdade’ daquilo que havia acontecido” (CERTEAU, 2013, p.47). A história “objetiva” perde seu lugar, a noção de “verdade absoluta”, os bons tempos desse positivismo estão terminantemente acabados. Talvez, esteja chegada à hora de assumirmos a proposta que Walter Benjamin nos oferece,

“escovarmos a história a contrapelo, a fim de resgatar a historicidade desses silêncios” (GONDAR, 2008, p.97), concebermos a história como uma transformação permanente.

Poucos pensadores exerceram tanto impacto na contemporaneidade sobre as ciências quanto Michel Foucault, já bem referendado ao longo dessa pesquisa. Em *Arqueologia do saber* e *As palavras e as coisas* obras de sua autoria, estabelecem o domínio do “Ser-saber”, pois é só a partir das palavras e as coisas que Foucault vai se preocupar em estudá-la como arqueologia do conhecimento para não dizer do saber, pois é através da arqueologia do saber que ele explicou como nos sujeitamos a esse conhecimento, em descobrir como nos tornamos seres modernos, enquanto nas palavras e as coisas ele vai nos mostrar de várias maneiras, os modos de investigação que alguns buscaram para instituir uma nova entidade, por exemplo, o sujeito moderno que vai passar a ser o objeto de estudo, sendo que para Foucault o sujeito moderno não compõe a origem dos saberes, ele próprio passa a ser produto dos saberes, pois é o saber quem o produz. Pois a palavra arqueologia nos remete a ideia que se trata de uma forma de buscar, de escavar as camadas, para mostrar como esses saberes surgem e como vai se transformando, é a partir desses estudos que ele analisa tanto a epistemologia como a arqueologia sendo a última uma ciência que estuda os saberes e explica o seu funcionamento.

A arqueologia é um procedimento que busca mostrar como os discursos são apresentados, e de que forma as descrições comparativas da arqueologia, da epistemologia e da hermenêutica aparecem, mais sempre vão está se apropriando uma da outra, para discutir um determinado assunto. Dessa forma, a arqueologia não trata de interpretar o discurso, mas entendê-lo como um conjunto de enunciados que se apóia em um sistema de formação, de elementos que deixam seus signos e significados. As falas das ex-cangaceiras que experimentaram as tramas vividas pelo cangaço lampiônico revelam possibilidades de enunciados, territórios de subjetividades (in)voluntárias postas no caráter do *falo*, essas vozes permitem entendermos os discursos, também constitui uma sabedoria prática e fundamental “na medida em que o peso ético da presença da outreidade no si-mesmo do sujeito” (PEREIRA; MUNIZ, 2011, p.219). Do *dito* ao *escrito* abre os espaços necessários para que a memória venha à tona, como na entrevista cedida por Ilda Ribeiro de Souza “Sila”, na década de 1980 na UFRPE, perguntada se teria sido muito difícil os anos pós-cangaço ao lado do seu esposo Zé Sereno e dos filhos quando veio morar no sul do Brasil, ela respondia que a vontade era esconder tudo, guardar o passado e silenciá-lo, mas diante de professores e pesquisadores na área ela reforçou a segurança do seu testemunho que a história não queria silenciar, “agora eu me acho feliz em poder..., lógico que eu não vou esconder nada, tenho

que falar tudo aquilo que sei [...] agora que comecei quero ir até o fim [...] jamais vou negar minha palavra de cangaceira, que eu andei com Lampião, fui esposa de Sereno...”¹¹.

Sem reservas, anos depois do episódio de Angicos as memórias ganham espaço, reaparecem com notoriedade sem restrições, antes que macule o evento histórico, o *falo* quer dar garantias que o “imaculado” sofra menos, que diante de tantas “verdades” sobre cangaço lampiônico, muitos contornos foram acrescentados, “criações” e incertezas preenchem até os dias de hoje a vasta literatura bibliográfica a respeito do cangaço. Certo momento quando perguntada se procedia à informação que Lampião chegava a celebrar “missas” diariamente com os bandos, Sila firmemente respondeu:

tem pessoas que escreve um livro, põe a hora, o momento, o segundo, o dia, o mês, o ano. Não existia nada disso não, porque naquela época o povo era muito pobre, o povo era muito, era muito..., num sabia ler, aqueles pessoal que vivia na roça, vivia no mato, vaqueiro, era uma pessoa pobre, era uma pessoa que vivia, coitado, só pra criar os filho, sabia que ninguém tinha relógio, agente sabia que era a hora quando agente pisava na sombra já sabia que era meio dia. Como é que Lampião..., que a pessoa sabe o dia, hora, o momento que houve brigada? Isso tudo era história...¹²

Muito se tem produzido a respeito do cangaço, muito se diz e se inventa, adentram em um território movido de singularidades, particularidades e, muitas vezes desprovidos de uma pesquisa mais aprofundada do assunto. Ao longo dos anos se tem “desenhado” um Lampião pra cada gosto: seja ele bandido, seja ele constituído como herói do Nordeste que com seus homens foi capaz de saciar a sede de justiça de muitas famílias pobres das caatingas nordestinas. Novamente, citamos o perigo da *espetacularização* do passado, as apropriações que os discursos podem oferecer causam o risco de invadir e, muitas vezes, desrespeitar as memórias. Walter Benjamin escreveu que o tempo histórico é “infinito em todas as direções e incompleto em todos os momentos” (in.: LISSOVSKY, 2008, p.26), enquanto os documentos históricos nos oferecem a ilusão de um “passado perfeito”, as lacunas nos arquivos, nos depoimentos, nas falas, nos retalhos que constituem as memórias nos convidam a história no “futuro do pretérito”, talvez, haja sempre um futuro oculto no passado, sempre há algo pra ser transformado, traços que se modificam ao longo do tempo.

¹¹ Entrevista cedida por Ilda Ribeiro de Souza “Sila” na UFRPE, na década de 1980. Esse depoimento gravado em DVD me foi cedido pelo então prof.º Paulo de Moraes Marques, pró-reitor da Universidade Rural na época. Nesse período, Sila esteve mais de uma concedendo entrevistas, falando de suas experiências no cangaço ao lado do seu companheiro Zé Sereno, que mais tarde viria a ser o seu esposo oficialmente reconhecido por lei.

¹² Entrevista de Sila ao escritor Daniel Lins.

Os arquivos continuam a nos olhar, constantemente o passado não se aquieta, quer enunciar sempre algo, por isso que “Todo ‘achado’ historiográfico é um olhar correspondido que atravessa as eras, o reencontro de um futuro que o passado sonhara – e que somente o nosso próprio sonho de futuro permite vislumbrar” (LISSOVSKY, 2008, p.27). As linhas que compõem esse capítulo oferecem ao passado a primazia de continuar falando, as vozes salustares das ex-cangaceiras ladrilham os emaranhados percursos da escrita, dos depoimentos, das sensibilidades outorgados à história. Cedemos espaços para Sila, Dadá, Durvalina, Adília e Aristéia falarem de suas experiências nas veredas das caatingas, abrimos caminhos para novas possibilidades a respeito do cangaço lampiônico, outros signos e significados são dados ao famigerado movimento, um “outro lado da moeda” nos é oferecido para compreendermos melhor tal evento, falar do *não-dito* diante do espaço do dito, como afirmou Dadá em entrevista explicando sua participação no cangaço:

Boa tarde gente, a Dadá está aqui, conheço a vida do cangaço há doze anos, tô por dentro de tudo isso, todo caso que conto. Vocês me desculpem porque não tenho como explicar a vocês como deve se explicar as palavras. Do cangaço eu conheço doze anos, todo caso dele eu tenho um pouquinho [...]. Lampião era uma figura interessante, agora ninguém soube aproveitar o que ele era [...]. Lampião roubava, era mentira que ele num roubava, ele pedia, num dava, ele tomava, ele num ia morrer de fome pra satisfazer ninguém¹³.

A memória individual de Dadá revela seus dozes anos no território do arbitrário, sua fala permite a construção de um cangaço baseado menos nas estruturas heróicas, apontam um Lampião codificado na integridade de cangaceiro, desvendado de uma couraça mítica, Virgulino é visto numa conjuntura que a própria realidade da época revelava. Ao escutarmos Dadá e seus longos anos de vida ao lado do seu companheiro Corisco, vagueamos nos recônditos das tramas, percebemos os dispositivos que elencaram as práticas do cangaceiro que, hora e outra, é ressuscitado pelos caprichos do tempo. Tomamos parte em ouvir as margens, como afirma Halbwachs (in.: POLLAK, 1989, p.02):

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à "Memória oficial", no caso a memória nacional.

Uma vez rompido esse tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, diferentes reivindicações são ampliadas, numa regra metodológica,

¹³ Simpósio: A trajetória do cangaço e sua repercussão social. Mesa redonda com a presença das ex-cangaceiras Sila e Dadá. Aracajú-SE, 1988.

essas abordagens reabilitam a periferia e a marginalidade. As lembranças esperam o momento oportuno de saírem do recluso silêncio e serem transmitidas de uma geração para outra, elas permanecem vivas, expostas, desvendadas aos olhos do público. Mas, não é de se estranhar que o silêncio tem razões bastante complexas, muitas vezes as memórias subterrâneas se sentem impotentes ante a “história oficial”. Para poder relatar seus sofrimentos, as experiências traumatizantes, as tramas e os eventos, uma pessoa precisa, antes de qualquer coisa, de alguém que o escute, que lhe preste a sensibilidade de desvencilhar os acontecimentos que ficam retidos na memória, as lembranças que precisam vir à tona. Por conseguinte:

Existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos". As fronteiras desses silêncios e "não-ditos" com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos. (POLLAK, 1989, p.06).

As ex-cangaceiras falam, desejam falar, enunciam algo que viveram, encontram aqui pequenos espaços para fazerem de seus discursos a experiência integral do passado, do impulso criador, do todo-aberto, uma abertura singular: a consciência do todo como invenção, como criatividade. Dessa forma, “Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto, em quais circunstâncias o presente colore o passado” (Idem, *ibidem*). Os testemunhos de experiências vividas parecem ser movidos pelo espírito *dionisíaco* da sensibilidade humana, das forças mais profundas que nos move que alimenta nossa existência como força e vontade de potência, um indivíduo superior que não se deixa “dominar”, capaz de exceder um passado, um passado que existe em si, uma vez consumado, uma vez conservado, este é. Mas não imodificável como alguns atestam, Nietzsche já fez questão de mencionar no seu *Zaratustra*, negar a possibilidade de vencermos o limite do passado daquilo que *já foi* seria uma atitude niilista, uma negação dos impulsos, das forças criativas da vida¹⁴. O que nos parece: são as falas, os discursos, os depoimentos que se arriscam a enfrentar um *eterno retorno*, uma ação da vontade diante do que *já foi*, diante do muro do já acontecido.

O famigerado cangaço, do muito do que já foi dito, já se foi escrito e colocado numa encruzilhada de interdições, de signos e significados Como atesta Auricélia Lopes (2000,

¹⁴ BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p.51.

p.83), “A história dessas escrituras seria assim, a história da verdade sobre Lampeão. Escrituras. Escrituras puras, demiurgo da verdade e da razão... Puras escrituras! E só! E o sonho do historiador diabólico desmancha-se, desmantela-se”. Costumeiramente, aprisiona-se o historiador nessa composição histórica, faz dela monumento de seu conhecimento, não desconfia destas escrituras, e com elas morre. Morre assim a capacidade de encontrar significados do “sujeito por trás do infame!”. Talvez, o trunfo do historiador seja perceber que o cangaço é o passado que não quer morrer, é o Lampião restabelecido por diversos olhares. Nunca morto, mas é o filho de José Ferreira que desperta temas de trabalhos e de livros, simpósios e congressos, seja na arte e nas suas várias significações.

Por trás do *infame* está um sujeito que foi codificado, está uma conjuntura que *atravessou* a realidade do Nordeste nas décadas de 1920 e 1930. É o cangaço, não simplesmente como resposta as injustiças, mas um movimento que se caracterizou de diversas formas: como meio de vida, de vingança e de refúgio¹⁵. Fazer parte do cangaço poderia caracterizar um *status*, outros já consideravam o cangaceiro como um sanguinário veja a afirmação de Barrozo (1930, p.84):

O cangaceiro é sempre assassino e raramente ladrão. Porque commette o primeiro crime para defender-se ou vingar-se, pois a justiça official não existe e, quando existe, está tão desmoralizada pelos exemplos anteriores de arbitrariedades e infamias que ninguém acredita mais nella.

Olhando nessa ótica o cangaço tornou-se uma resposta diante da morosidade de práticas políticas condizentes com a melhoria de vida de pessoas, famílias menos favorecidas. É no sertão que o cangaço conseguiria adquirir mais espaço, no que diz respeito ao aspecto qualitativo sobrepondo ao quantitativo, como afirma Chandler (1980, p.16), “O cangaço era um fenômeno exclusivamente do sertão”. O seu impulso é primordial, e o sertão parecia ser esse ‘palco’ para o afloramento dos primeiros bandos percorrendo as caatingas adentro, despertando ódio das volantes, são protagonistas das zonas de morte, de confrontos, de acordos, de traições... Lampeão um representante atípico do seu lugar, o espaço que o acomoda sofreu diversas influências, o *seu tempo e o seu reinado* viu florescer diversas intrigas, toda espécie de crimes, condições conflitantes que favoreciam o comportamento *infame* do jovem Virgulino.

¹⁵ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004, p.89.

Em um sertão marcado pelo banditismo e pelo coronelismo as garantias de vida ficavam salvaguardadas pela “ponta” do rifle. De um lado, o poder e o prestígio, do outro, a ilegalidade e a desordem constituíam as zonas de conflitos do sertão aos períodos da República Velha, relações complexas de sobrevivência, fragmentadas condições de ebulição davam o norte das tramas e dos seus personagens envoltos em diversas circunstâncias, o apelo de um messianismo e fanatismo religioso de largas proporções, espaços do “sagrado” de Conselheiro e do Padre Cícero reforçavam os laços de lealdade com o povo. Lampião nasceu e cresceu nesse turbilhão de acontecimentos, nos passos largos do cangaço sertão adentro. Ações impetuosas de Antonio Silvino, “Sinhô” Pereira e Luis Padre tocara a fio o lado mais violento que fez de Virgulino um Lampião, lhe fez cangaceiro, *fora-da-lei*, sanguinário, bandido, herói e, tudo que já se escreveu... Não se cansam de espetacularizar o cangaço, fazem dele produto de venda, tessituras que despertam no povo a sensibilidade por um Lampião que não volta, mas pelo contrário, ele continua guardado e retido na memória daqueles que não permitem sua morte.

Sim, minado de ditos e escritos, Lampião “carrega” em suas costas um cangaço de diversas cores, do endêmico-epidêmico, ou, do aceito-repelido, há uma série de interdições, as várias mortes de um *rei-vesgo* perpassam as diversas linhas nas produções bibliográficas e imagéticas das pessoas. Logo após o trágico fim em Angicos chegaram para Corisco e Dadá e lhes comunicaram que Lampião havia sido assassinado, Dadá numa típica frase respondeu, “Cumpadre Lampião tá acostumado a morrer”¹⁶, já tinha tido tantas notícias falsas da morte de Lampião naquela época, mas talvez Dadá tenha só antecipado o que a história se encarregaria de fazer: não deixar Lampião e o cangaço morrerem.

A memória assume a tarefa de dar visibilidade na ausência, essa mesma memória que sofre a interdição de uma escrita, onde há sempre alguém querendo escrever, ressuscitar o ausente, enunciar o passado vivo e presente:

Marcas que vão dando-lhe contornos cada vez mais acentuados do infame que lhe diz ser, que o fez ser... Marcas que o fazem muitas vezes sofrer e pensar na morte e outras, gozar, sentir prazer com o jogo de sedução/rejeição dessas escrituras. (PEREIRA, 2000, p.81).

¹⁶ Entrevista com Paulo de Moraes Marques. Grande pesquisador de estudos sobre o cangaço e amigo de Ilda Ribeiro da Silva “Sila”. Na década de 1980 chegou a acompanhar a ex-cangaceira do bando de Lampião em diversos momentos, principalmente em visitas na UFRPE, quando o próprio Paulo Marques era o então Pró-Reitor. Consegui obter alguns depoimentos do professor Paulo, particularidades de Sila ao longo dos seus dois anos de vida no cangaço.

Nesse movimento está a singularidade do que nunca permanece ausente. Numa atitude intempestiva, na medida em que a memória tenta produzir uma atualização de temas aparentemente antigos – quem sabe – um processo de rememoração socrática (*anamnèsis*), o espaço do ausente será sempre marcado pelo movimento que evidencia sua presença, bem próximo da noção de *dobra* deleuziana. Tal análise nos remete a noção de temporalidade, em que Deleuze sugere pensarmos dentro da segunda síntese do tempo, a idéia de um “Passado Puro”, de um “sempre passado”, “e que nos remeteria à singularidade de um processo que se abre para a memória e para a reflexão [...]” (PINHEIRO, 2008, p.79). Aos que se aventuram no itinerário da escrita sobre o cangaço retém as memórias, guarda os arquivos, afunila o olhar sempre compenetrado na tentativa de descobrir algo novo, na formação de uma experiência do tempo presente, sempre presente, em que um organismo se daria à função de contração e de expectativa.

Esperar para escrever, a ponta da escrita sempre “grávida” para dar a luz, conceber um “filho” assim como o *Zaratustra* de Nietzsche, sempre a idéia de um *eterno retorno*, uma continuidade do passado, mas como um passado-presente que se desdobra em futuro-presente, o que poderíamos chamar de movimentos de passagens de um estado para o outro, ou de uma condição a outra. Sempre há mudanças. Como afirma Certeau (2013, p.29), “O historiador não escapa dessas latências e dessa gravidade de um passado ainda presente [...] A história está, pois, em jogo nessas fronteiras que articulam uma sociedade com o seu passado [...]”. Continuamente, o retorno do “passado” está mais vivo, fresco e presente, o entrelaçamento da escrita com o *já foi* assumi o caráter de traçar a imagem de uma atualidade. Ouvir as ex-cangaceiras e suas memórias (in)voluntárias reforça ainda mais as inúmeras possibilidades de um cangaço nunca morto.

Cada depoimento, entrevistas, gestos, nos surpreende que os significantes falem mais do que os fatos, enuncia sentidos, remetem o *dotado*, fazendo senão significá-lo repetindo sem cessar: *aconteceu*. É o “prestígio do aconteceu” na concepção certauniana, relacionado com o desenvolvimento das crônicas, dos romances, dos diários, dos documentos, arquivos e, de uma *escrita de si*. Ter a disponibilidade de escutar esses instrumentos é sentir o passado cada vez mais atual. A todo instante a narrativa restaura o objeto, esse objeto que é senão o ausente, enquanto o seu sentido é o de ser uma linguagem entre o narrador e os seus leitores, ou seja, entre os presentes. O que foi dito chega a ser escrito, escrito na história, codificado por seus signos e significados em lugares definidos que enunciam um novo tempo. Assim foi Virgulino, hoje Lampião, nas dobras da memória permanece retido o cangaço na sua

pluralidade de sentidos onde a *escrita* continua enunciando, perseguindo sempre novas arestas e pistas intermináveis, como o movimento de uma linha com direção simultaneamente dupla percorrida por um ponto com velocidade infinita e que distribui as singularidades em um movimento levado ao infinito e retornando sobre si mesmo.

Cabem a nós ouvirmos as inúmeras vozes que circulam nas entrelinhas dessa discussão, elas tem algo a nos falar, nos convidam a embriagarmos nas águas plácidas da fonte dedicada a Dionísio, nessa própria fonte que se enxerga Narciso, “mergulhar nessa fonte, nessa mesma fonte constituída, certamente, pela intromissão de muitas mênades, de muitas ninfas ou mesmo de muitas musas” (PINHEIRO, 2008, p.88), o lugar da pluralidade, das singularidades que constituem a memória nessa linha móvel repleta de imagens e suas dobras imagéticas.

3. NA VOZ DE EX-CANGACEIRAS: MEMÓRIAS (IN)VOLUNTÁRIAS POSTAS EM QUESTÃO

Este estudo tem o compromisso de resgatar as memórias (in)voluntárias de algumas mulheres que fizeram parte do cangaço lampiônico, a partir de uma *escrita de si*, as autobiografias, os discursos são postos em questão, as subjetividades correm nas falas, o *outro* deseja falar, com suas diversas maneiras de se constituir: seus códigos, seus signos, suas leis. E como explicar este que nos chega produzindo sentidos, atrelados a vida? Talvez, o caminho não seja de querer explicar esse *outro*, mas compreendê-lo com os campos povoados de sentidos, de significados, do não repetitivo onde o humano se faz habitar.

Ao longo da década de 1930, a presença de mulheres nos bandos já era algo conhecido pelas populações da época, isso era uma surpresa. Conta que Lampião, sendo o chefe do grupo, deu o pontapé inicial trazendo para o convívio “Maria Bonita”, vale ressaltar que esse nome de Maria Bonita só foi pronunciado pela primeira vez após a sua morte na batalha de Angicos, segundo uma entrevista concedida por “Sila”¹⁷. A companheira de Lampião chamava-se, na verdade, Maria Déia, por alguns do bando era conhecida como “dona Maria” ou “Maria de Lampião”. Daquele dia em diante o cotidiano dos bandos teria uma nova faceta, os contornos femininos atravessariam de vez as atitudes vorazes dos cangaceiros que assaltavam, matavam, extorquiam as pequenas vilas e povoados.

Ao contrário de Maria de Lampião, Dadá entrou no cangaço a revelia de sua própria vontade, tirada de sua casa bruscamente a força por Corisco, Dadá seguiu o caminho da não permanência no espaço familiar, a convivência com os seus foi interrompida pelo famigerado movimento de banditismo cravado nas terras áridas do sertão nordestino, pois “O sertanejo é acima de tudo um homem sério, honrado, cumpridor de deveres, respeitador da palavra empenhada, apegado à família, temente a Deus” (SOUZA; ORRICO, 1984, p.48). Foi numa manhã de terça-feira, segundo depoimento de Dadá, ao sair pra lavar roupas, sua subjetividade foi violada pela ânsia desenfreada do cangaceiro Corisco, sua liberdade daquele dia em diante estava maculada nas palavras de Corisco ao afirmar “Eu vim te buscar”¹⁸.

Neste universo de rupturas e (im)permanências, a mulher além de cuidar dos filhos, da casa, ainda produz. O esforço social da mulher do Nordeste, como de qualquer mulher pobre

¹⁷ Relatos de Ilda Ribeiro de Souza “Sila”, ex-cangaceira do bando de Lampião, numa entrevista concedida a um programa de televisão da TV Bandeirantes, 2001.

¹⁸ Relatos de Dadá em entrevista concedida ao Globo Repórter no documentário *A mulher no cangaço*, 1976.

espalhadas por outras regiões do mundo revela a figura da mulher castigada pelo envelhecimento precoce, pelo desgaste do dia a dia, o que na maioria das vezes nota-se o desaparecimento da beleza feminina nos primeiros anos de casadas. Essa personagem feminina sofre com o preconceito, com os tabus, as zonas de silêncios são lacradas com a solidez do espírito patriarcal do homem, mas como qualquer outra mulher, ela sonha, faz planos, cativa em sua subjetividade a liberdade de ser mulher, de constituir sua voluntariedade, mesmo que fosse preciso trocar a almofada de costura pelo fuzil e perambular pelos caminhos tortuosos da caatinga, como mencionou Adília (ex-companheira de Canário):

Meu pai num deixava eu me pintar, num deixava eu dançar, dançar de jeito algum ele num deixava, aí adepois que eu saí, agora aí eu dançava, penteava meu cabelo do jeito que eu queria, me pintava, da mió forma e ele num me impatava de fazer nada disso, pintava as unha, pintava os beijo, aqui o rosto, era toda pintadinha né...¹⁹

As abordagens dos relatos de vida, de cunhos autobiográficos, possibilitam o desfilar de palavras que não se confundem com os destinos oficiais, há uma possibilidade dos personagens “anônimos” que nada fizeram de “histórico”, viverem suas vidas como inúmeros atores que muitas vezes estão marginalizados pela tramas ditas oficiais, são personagens que narram a própria história, sem recusar o presente para reviver acontecimentos que acomodam o passado, o movimento de “rememorar é uma tarefa da atualidade” (BOSI, 1994 apud CAVALCANTI, 2011, p.137). Nas histórias e nos relatos de vida, as lembranças aparecem como produtos de um testemunho ocular da história do seu tempo, promovendo ao depoente a elaboração de seu próprio discurso sem se deixar influenciar pelas ambivalências, subjetividades e as interpretações pessoais. Nesse jogo de relatos de si, estão em cena os sentidos, os traços, concepções, impressões que revelam o enquadramento da memória, buscando retirar as impurezas e tensões que conspiram contra uma identidade, uma escrita de si coerente, lógica e linear.

Os relatos de experiências passadas, seja em escritos autobiográficos ou entrevistas orais, denotam uma atmosfera recheada de dores, melancolia, saudades, uma espécie de nostalgia de um passado que não se alcança em sua plenitude, mas por tessituras e recortes se constitui em um determinado presente. Dessa forma, “essas narrativas, orais ou escritas, buscam uma nova estética de existência, como caminho para inventar sentidos e de se inventar a si mesmo” (CAVALCANTI, 2011, p.139). Alguns consideram a pesquisa entorno

¹⁹ Relatos de Adília em entrevista concedida ao Globo Repórter no documentário *A mulher no cangaço*, 1976.

dos relatos de vida como uma revolução metodológica, fundada em um paradigma do conhecimento experiencial que valoriza a reflexividade produzida a partir de experiências singulares. Diante das questões referentes à natureza e ao movimento de biografização dos homens, Gaston Pineau nos lembra que quando Foucault dispõe sobre a hermenêutica do sujeito, anuncia uma outra estética de invenção de si, situando que o preceito do conhecimento de si está relacionado ao ocupar-se consigo mesmo, um “cuidar de si para existir e se governar de modo autônomo”, como afirma Cavalcanti (2011, p.139).

Os anos vivenciados no cotidiano dos bandos pertencentes ao cangaço nas figuras de Sila, Dadá, Adília, Durvalina, Aristéia..., falam de situações vividas, experiências, não acontecimentos de “ouvir dizer”, mas de uma época que subjetivamente procura um espaço, um recorte, uma brecha no presente. Elas falam do que a memória aponta fenomenologicamente numa *visão eidética*, os discursos são providos de lapsos, esquecimentos, mas nunca um abandono das realidades experimentadas, pois “esquecer permite digerir o que já aconteceu, aliviar o peso do passado, amenizar os acontecimentos dolorosos, minimizar as lembranças mais penosas [...]” (BARRENECHEA, 2008, p.51), seja das “glórias” e farturas ou das atrocidades e miséria que imperava por longos períodos de caminhada por dentro das caatingas. Um episódio lembrado por Sila diz respeito aos dias no Raso da Catarina, uma região situada no nordeste da Bahia com um grosseiro formato de retângulo, a temperatura de dia costuma chegar aos quarenta graus e à noite podendo descer até dez graus, é um lugar deserto. Foram três dias no Raso da Catarina, segundo Sila em depoimento²⁰, deixando todos os rastros tomaram rumo e as volantes disparadas no encaço, até chegar nesse lugar inóspito e desértico onde a terra batia no meio da pele, sem água pra beber e sem comida.

De acordo com esses relatos, as volantes não se atreviam a atravessar o Raso da Catarina, somente os cangaceiros tinham tal ousadia. O lastimável caminho de homens e mulheres, uma passagem de ida sem perspectivas de volta, acolhidos pelas incertezas da vida e acompanhados pela “galharia seca dos arbustos”²¹, a rotina do cangaço era de exaustão, enfadonhas noites no meio do mato, onde a caatinga se tornaria uma eterna companheira. Tempos depois de adentrar no cangaço, Adília relatou que houve dias que não agüentava as longas caminhadas, certo dia, nesses eternos percursos chegou a dizer ao seu companheiro

²⁰ Relatos de “Sila” em entrevista concedida ao Globo Repórter no documentário *A mulher no cangaço, 1976*.

²¹ SOUZA “SILA”, Ilda Ribeiro de; ORRICO, Israel (Zai) Araújo. *Sila: uma cangaceira de Lampião*. São Paulo: Traço Editora, 1984, p.89.

Canário que era preciso se sentar, descansar, mas ele respondeu que se parasse de andar as volantes os alcançariam²².

A cangaceira era uma mulher como outra qualquer, uma dona de casa sem casa, seu lar era a vastidão das terras secas e duras, vivendo ao lado dos seus homens, bordavam os bornais, costuravam as roupas e vestimentas dos cangaceiros conforme mandava a vaidade masculina, muito mais acentuada do que a vaidade feminina. Assim relatou Dadá em entrevista:

A vida da mulher no cangaço, primeiramente, respeito ao marido, pra se sair bem. A segunda como eu vivia era, dirigir tudo, me chamar à atenção, seguir como uma dona de casa, eu não cozinhava, eles cozinhavam, na hora da comida eu ia dividir, se precisava uma camisa eu endireitava, se tudo..., uma vida como uma mulher, uma qualquer dona de casa vive em sua casa, plantando seu trabalho, é a mesma vida da mulher do cangaço. Respeito, ali não se dá um nome, ali num se briga, ali num se fala um com o outro com rojão, tudo com os filho educado pra uma mãe. Foi assim que eu vivi doze anos...²³

Foram os doze anos que Dadá não esquece. Antes e depois do cangaço a vida de Sérgia Ribeiro da Silva foi *atravessada* por um grande *instante*, de rupturas vislumbrando uma nova realidade, pois a vida no cangaço não era fácil e o que dizer da inserção da mulher no cotidiano dos bandos? Ser mulher acarretava grandes problemas fisiológicos, em relação à menstruação e a gravidez. As inúmeras movimentações, os combates dos bandos impossibilitavam a vida e a manutenção de crianças. Ser cangaceira e mãe eram paradoxos extremos, a mulher estava destinada a permanecer no espaço social que a vida lhe havia preparado, como dirá Nietzsche “*na fulguração do único instante*”, a figura feminina, muito mais do que uma companheira, ritualizou componentes que a fez atravessar a eternidade temporal alcançando o presente com uma liberdade de significados que revelam um passado vivido e experimentado. Sila nos conta como foi difícil o seu tempo de gravidez:

Lembrava-me daqueles nove meses de gravidez, quase que o mesmo tempo de minha vida no cangaço ate então. Período difícil, esse. Ora a correr entre os facheiros, ora arrastando a barriga pelo chão, fugindo ao inimigo; ora ombreando-se às cobras, ocupando espaço, tomando-lhes quase o lugar, para ocultar-me ao adversário; ora correndo que nem louca pela caatinga, montada a cavalo, às vezes animal arisco, desviando o rosto da galharia fina e seca no último instante. (SOUZA; ORRICO, 1984, p.85).

²² Relatos de Adília em entrevista concedida ao Globo Repórter no documentário *A mulher no cangaço*, 1976.

²³ Relatos de Dadá. Idem.

O passado e a memória se juntam e orquestram o desvencilhar de acontecimentos, a gravidez e a “barriga quase ao chão” constituem um desses eventos que atravessam o memorial da vida, “o pensamento me atravessa”, uma expressão que Deleuze busca em Spinoza, aquilo que dá as condições de mudar o pensamento, um atravessamento, um *encontro* com uma potência de pensamento, aquilo que me faz refletir e pensar. Todo o pensamento se posiciona, ou, encontra-se no *novo*, mesmo que o lugar social, o espaço me imponham às *regras*, mas Deleuze diz que sempre há um *novo*, um devir, como dizia Heráclito “ninguém toma banho no mesmo rio duas vezes”, uma filosofia das multiplicidades, das várias possibilidades. Dessa forma, ser atravessado por um momento, por um instante, permite revisitar o que é imodificável, o passado granítico que não se pode mexer, mas apenas digeri-lo.

O discurso das ex-cangaceiras permite “violiar” esse passado, quem sabe recriar novas etapas que estabeleça um caminho aberto ao presente, como um leque de possibilidades para o futuro. Não se quer inventar nada, ao contrário, as memórias (in)voluntárias alcançam os rastros deixados pelo tempo, elas querem dizer algo, querem dizer muita coisa, desejam enunciar notícias, experiências, momentos, traumas, esquecimentos. É o *eterno retorno* nietzscheano de todos os fatos e lembranças que pode adquirir um sentido de suprema afirmação, uma alternativa de recriação da própria existência na história, pois “A vida toda é ‘um instante de instantes’ [...] ‘a vida de alguém é um grande instante’, uma chance preciosa e única em toda eternidade” (BRUM, 2008, p.49).

Assim foram os duros dias vividos pelas mulheres no cotidiano dos bandos, cheios de instantes, nos duros combates elas também protagonizaram no teatro da realidade as vidas ceifadas entre cangaceiros e tropas volantes, sangue derramado sem hesitação, apimentado com gosto de ódio como mencionou Adília em entrevista, “nois ia viajando, chegemo no barreiro, nois ia tomar água, ia almoçar, tava todo mundo preparado pra almoçar, a volante chegou e fez o fogo e nós corremos”²⁴. Durante esses combates muitas mulheres foram feridas, como foi o caso de Neném de Luis Pedro, morta em combate ao sair às pressas da casa de um coiteiro, Enedina morta no episódio de Angicos juntamente com Lampião e Maria Déa “Maria Bonita”, Mariquinha, Maria de Azulão entre outras.

A mulher sempre foi à grande companheira, amante, criada e, muitas vezes, mãe dos cangaceiros. Muitas derramaram seu sangue na aridez das caatingas, entre os rastros marcados

²⁴ Relatos de Adília em entrevista concedida ao Globo Repórter no documentário *A mulher no cangaço, 1976*.

pelo famigerado cheiro de morte. Elas não foram somente a parte alegre do cangaço, nos momentos em que a vida esteve ameaçada, se defenderam e levaram até o fim a vida que escolheram como a ex-cangaceira Dadá, que ao lado do seu companheiro Corisco, não cansou de usar as últimas munições que ainda sustentavam o fenômeno do cangaço, segundo Paulo Marques²⁵, “era ‘Dadá’, a mulher de ‘Corisco’, que chegou a assumir o comando do bando do marido quando ele ficou com os braços metralhados, após a morte de ‘Lampião’”.

Corisco já cambaleando de dor, sem forças, impossibilitado de atirar devido aos tiros que quebraram os seus braços vagueia com o que sobrou do seu bando, encontrando a cada passo as volantes, travando com elas combates dos quais a vida esteve ameaçada a cada minuto. Seus braços são os braços de Dadá, é ela quem decide e quem atira, lutando por sua vida e a de Corisco seu grande amor, ela vive um dos momentos mais trágicos e “belos” de toda história de mulheres guerreiras que se conhecem. Para alguns, a mulher - na figura de Dadá -, protagonizou os instantes finais, em suas mãos esteve os últimos minutos que cerraram de vez o fenômeno do cangaço, resistiu enquanto pôde, mantendo-se de pé, pôs na agulha as últimas balas e atirou, autorizando a história a contar as memórias.

3.1. As memórias reveladas

Ao celebrar o passado, aquilo que *já foi*, ao afirmar tudo o que foi experimentado, vivido, no ciclo do eterno retorno, cada ato humano é um maravilhoso ritual. As memórias revelam a *ritualidade* de tocar o passado, revê-lo sob novos olhares, múltiplas possibilidades de deslocá-lo como promessa de futuro e o “futuro é a possibilidade de *re-fundar*, a cada instante, o passado” (BARRENECHEA, 2008, p.59). O episódio de Angicos talvez tenha marcado de vez o fim do cangaço, para alguns pesquisadores no assunto, foi o sepultamento de um fenômeno de valentia e atrocidades, “desautorizando tradições, usurpando patrimônios” (PEREIRA, 2000, p.75)..., assim morreu Lampião e o seu bando, “Então, deu-nos a notícia de que Lampião, Maria Bonita, Luis Pedro e Mergulhão estavam mortos” (SOUZA; ORRICO, 1984, p.100). Com eles morreram as (in)possibilidades de um determinado tempo e lugar, por outro lado, não morreram as memórias, os vultos, os discursos, as diversas apropriações que adornaram o cangaço lampiônico até os dias atuais.

²⁵ Pró-reitor de Extensão da Universidade Rural de Pernambuco. Jornal Diário de Pernambuco: 16/03/1988.

As memórias das ex-cangaceiras celebram a ousadia de atualizar, de não permitir o esquecimento, como afirma Barrenechea (2008, p.59), “Lembrar o que aconteceu pode ser um aspecto inovador, pode nos lançar ao vindouro, ao futuro”. Mas cabe aqui uma análise bem cereteuniana em relação à operacionalização do tempo presente com o passado. É claro, revisitar o passado é ter a oportunidade de poder digeri-lo, ou quem sabe, se aproximar dele o máximo possível, fazer um esforço de sair de uma estrutura sistematizada do presente e deslocar-se a estrutura do passado, como acerta Certeau (2013, p.86) “A operação histórica consiste em recortar o dado segundo uma lei presente, que se distingue do seu ‘outro’ (passado) [...]”. Até aqui, os relatos, entrevistas, depoimentos sobre a vida da mulher no cangaço vislumbraram as memórias (in)voluntárias capazes de enunciar e anunciar o fato, reter o passado, corrigi-lo, alterá-lo, melhorá-lo. São as lembranças postas em questão no cenário do esquecimento, das ausências. O homem é forçosamente impelido de lembrar-se do passado, como afirma Barrenechea (idem, ibidem), “é imprescindível não esquecer para não repetir pecados, faltas cometidas em *outro mundo*; aquele que esquece forçosamente repete erros”.

As falas das mulheres que sobreviveram ao trágico combate de Angicos resgatam o não esquecimento do *outro mundo* já determinado, surge à oportunidade de conceber uma forma de lembrar, de não permitir o enquadramento de uma lembrança, esquivar-se da tentativa de sepultar a memória como mecanismo de linguagem. E como é primordial o papel da linguagem na produção do mundo, do pensar, como a linguagem participa na elaboração dos conceitos, como conseguimos articular o conceito de mundo, as relações entre pensamento, linguagem e verdade, e a pergunta continua ressoando, “como se constitui a verdade?”, uma clássica premissa nietzschiana. Os filósofos da linguagem vão perceber que a própria linguagem interfere no mundo, ela é um elemento da realidade, o discurso tem a função de *invenção* de objetos e sujeitos. Chegaríamos a Foucault em *As palavras e as coisas*, onde a linguagem é forçada a dizer as coisas. Pensar o *eu* como sujeito lingüístico, esse sujeito que não está fora da linguagem, suas ações projetam um determinado caminho que se configura sistematicamente nas formas de linguagem.

Michel de Certeau que por muito tempo conviveu com Jaques Lacan, recebeu influência do seu pensamento, acredita que o mundo, as práticas, as relações são produtos do *falo*. Por isso mesmo, Certeau dá tanta ênfase a palavra dita, o discurso tem muita importância em suas análises, ao longo de sua escrita até o *não-dito* ganha posto de notoriedade. É a *fala* e o *lugar* que merecem uma atenção minuciosa em Michel de Certeau. Diante de qualquer

análise operacionalizada, ou que se queira realizar, o objeto de pesquisa tem que passar por esses dois pilares - a *fala* e o *lugar* -, se olharmos pela ótica certeaniana. Por isso mesmo, o historiador deve realizar a travessia da fronteira, conhecer o outro antes de formular qualquer verdade prematura e dogmática, ir às fontes, analisar o objeto e como esse discurso tem se constituído ao longo do tempo. Não cabe nessa pesquisa fazer uma espetacularização do passado, os movimentos historiográficos se afinam com o que as ex-cangaceiras revelaram, esqueceram, ou, não quiseram revelar.

Cada depoimento identificado traduz o *outro* querendo se revelar, “mostrar-se” para a história, seja através de vídeos, matérias de revistas, artigos de jornais, publicações bibliográficas, o *outro* quer assumir seu protagonismo, causar um movimento na produção histórica. Era o que Heidegger já alertava no século passado quando lançava sua atenção para a problemática da existência, foi o que o impulsionou a deslocar uma hermenêutica do método para uma hermenêutica existencial, ou seja, tratar o objeto de estudo na sua subjetividade. Sua grande preocupação baseou-se no sentido do *ser*, tomando o ser humano como centro de suas reflexões. Enquanto Husserl priorizou o conceito de essência e excluiu o plano da existência, Heidegger localizou o *dasein*, e sua essência permanece em sua existência.

Portanto, os depoimentos aqui abordados que remetem a figura feminina nos anos que marcaram o cangaço lampiônico desejam “desvendar” a essência de cada fala presente na existência de cada mulher que conviveu no dinamismo da vida e da morte, dos bailes e dos combates, do rosário e do punhal, entre o amor e o ódio. O mesmo ódio que acompanhou Dadá nos primeiros instantes na companhia de Corisco foi capaz de ganhar novas conotações, de estranheza aos gestos de delicadeza, o “Diabo Loiro” foi uma *dobra* na vida de Dadá, um eterno companheiro. Segundo a própria Dadá em entrevista²⁶, Corisco foi como um pai, professor, lhe ensinou a ler, fazia questão de comprar livros e educá-la nas primeiras letras. Um homem educado. Assim era a personalidade do cangaceiro que nutriu afeto no itinerário de Dadá no cangaço. Dadá não se esquece ao relatar seu passado, mas amparada pela sombra do esquecimento ela faz um caminho de volta, permite esboçar no presente novos olhares daquilo que foi experimentado e, mesmo que o esquecimento lhe seja um eterno companheiro, não será este que impedirá de falar sobre as memórias. Ao contrário, o esquecimento é uma capacidade ativa, promotora de vitalidade, saúde e criação, que nenhum ser vivente é capaz de escutar a história sem passar pelo grau do *esquecer*, segundo Nietzsche.

²⁶ Alguns relatos da ex-cangaceira Dadá extraídos do documentário *A musa do cangaço (parte 1)*.

As memórias são postas em questão. Por quê? Se analisarmos os *instantes* que passa o ser humano, perceberemos que os olhares para o passado se configurarão em determinados *instantes*, o indivíduo vive um processo de transformação, sempre superando a si mesmo, a idéia do *devir*, o *vir a ser*. Os diversos discursos relatados pelas ex-cangaceiras - principalmente por Ilda Ribeiro “Sila”, que na década de 1980 por inúmeras vezes foi convidada para gravar documentários, conceder entrevistas, visitar a Faculdade Rural de Pernambuco -, retratam a experiência do *outro*, se o ser humano vive um eterno processo do *devir*, é mais fácil compreender que no discurso não existe apenas um *eu*, uma razão que governa minhas ações, “ao contrário, nessas ações agem impulsos que desconheço e que a todo instante criam novos *eus*” (DAMASCENO, 2008, p.150), ou seja, com novas ações, novas palavras, um novo *falo*, é a experiência do *outro* em mim, é a capacidade de olhar com alteridade, atravessando as fronteiras e preservando a distância deixada pela subjetividade descortinada do *outro*. É o espírito dionisíaco capaz de celebrar as dores, a vida em geral, expressar as angústias, os aspectos mais intensos do processo vital. Cada fala, cada gesto, transmite um recorte dos instantes vividos, seja por Sila, Dadá ou Adília. Elas falam de um passado, não tão distante, e mesmo tão presente, esse passado caminha num processo de *metamorfose*, instaurando a cada instante, novas configurações de potência, novas relações de poder. Numa recente entrevista Sila afirmou:

Eu gostaria de contar tudo que se passamo, que eu passei, pra vocês saberem como é que agente sofre, e agente tem que respeitar, agente tem que lutar, porque teve uma época que eu pensei que ia morrer mesmo aqui em São Paulo quando cheguei...²⁷

De acordo com Damasceno (idem, p.157), “Se compreendermos a memória como uma construção, em constante velar-se e desvelar-se, tanto mais se oculta quanto mais se desvela nesta dança de dobras; ela não anula o tempo, porém, nela navega”. As palavras de “Sila”, ao longo do tempo, deram lugar a Ilda Ribeiro de Souza, que não precisa mais fugir nem se preocupar com as volantes, a caatinga não é mais o seu refúgio, ao contrário, se constitui como um dos lugares que compõem sua memória ao falar do cangaço, episódios que narram às tramas do tempo, ela mesma afirmou “Se eu pudesse escolher, escolheria a mesma vida que tive”²⁸. Uma declaração como esta até nos parece causar certo incômodo, contraditória e conflitante para uma menina que foi “roubada” de sua família aos 13 anos de idade. Mas a

²⁷ Relatos de Sila em entrevista cedida a TV Bandeirantes, 2001.

²⁸ Jornal Diário de Pernambuco: 16/03/1988.

época não lhe oferecia direito de escolhas, quando os bandos passavam nas cidades, nos coitos, muitos dos cangaceiros afirmavam que vinham buscar a menina que o “destino” lhe havia preparado para ser sua companheira. Ainda em Pernambuco, na década de 1980, Sila foi questionada sobre a possibilidade de recusa em acompanhar os bandos, “por que vocês, mulheres, não tentavam fugir?”, logo em seguida ela foi curta na resposta, “No começo eu não gostava não, mas fugir era difícil, e depois a gente tinha que viver aquela vida. Eu preferi viver sofrendo que ficar atrás das grades”²⁹.

Praticamente quarenta anos depois do massacre de Angicos, a fala de Sila permite tocar o intocável, é capaz de reviver aquela fase agitada sem nenhum ressentimento de fuga, ou, até mesmo de um *mea-culpa*, numa outra entrevista da época ela foi bem enfática ao falar do papel feminino, “acho que a mulher deu muita força ao cangaço, porque evitou que muita coisa acontecesse”³⁰, talvez porque a presença da mulher causasse uma certa cautela, há quem diga que “Uma das conseqüências da presença da mulher nos grupos cangaceiros foi que os homens passaram a ter mais respeito pelas famílias constituídas, de maneira geral” (FERREIRA, AMAURY, 2009, p.230), mas essa é uma outra discussão que não se pretende aprofundar aqui.

O que podemos identificar até o presente momento dessa pesquisa historiográfica é que a vida no cangaço foi muito intensa, contribuindo ou não, a entrada da mulher se configurou num arcabouço de sentidos, mais uma vez questionada, quiseram saber se Sila entrou no cangaço por vontade própria, ela de pronto respondeu:

Eu não queria, lógico. Não queria porque não tinha idade, não tinha formação de mulher, ainda brincava com bonecas. Muita gente não acredita no destino, mas eu acredito, porque no dia em que cheguei à fazenda Zé Sereno passou por lá e disse que era pra mim ir com ele de qualquer jeito, senão ele me carregava.³¹

A imagem feminina ao lado do cangaceiro representava muitas vezes o poder de decisão. Numa conversa com Paulo de Moraes Marques³² um episódio nos foi trazido à tona, há quem diga que Lampião quando queria tomar alguma decisão importante consultava Dadá, os comentários reforçam que a própria Dadá era quem lhe dava as instruções, as dicas, as

²⁹ Idem. Ibidem.

³⁰ Jornal Diário de Pernambuco: 03/07/1985.

³¹ Idem. Ibidem.

³² Pró-reitor de Extensão da Universidade Rural de Pernambuco na década de 1980. Pesquisador dos estudos sobre o cangaço e amigo pessoal de Ilda Ribeiro “Sila”. Em seu apartamento, aqui em Campina Grande, tive a honra e oportunidade de entrevistá-lo, colhendo os diversos fragmentos deixados pela memória: 29/09/2014.

estratégias de combate. Mas, histórias e crônicas a parte, as apropriações que foram contornando o cangaço lampiônico até os dias atuais fazem desse famigerado movimento um combustível na literatura bibliográfica, nos cordéis, nas obras cinematográficas, na dança e no imaginário cultural das pessoas. São os vários deslocamentos que caminham ao lado das memórias, essas memórias que atravessam os tempos, que provocam uma emoção criadora capaz de dizer algo, essa “força de existir”, ou, numa “potência de agir” revelando as várias multiplicidades do discurso, do *falo*, de uma *escrita de si* que desvenda a imagem biográfica do sujeito que deseja inserir-se na história..., a história de ex-cangaceiras contada nas memórias (in)voluntárias.

CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos as memórias de ex-cangaceiras a partir de uma *escrita de si*. Memórias contadas e relatadas no campo das subjetividades e particularidades nos apontaram os caminhos que fizeram essas mulheres desvendar suas vidas, contar o que enfrentaram ao lado das incertezas, dos perigos e das (im)possibilidades que o cangaço poderia lhes trazer. Nossa proposta foi permitir ao longo dessa pesquisa que a figura feminina protagonizasse as falas, assumissem o lugar do *dito*, enveredando pelos recônditos das memórias marginalizadas que tem como fundamento as minorias na “história oficial”. Essa pesquisa historiográfica não tem como pretensão primeira elaborar um estudo sobre o cangaço em si, isso porque muitos autores já tiveram a incumbência de realizar tal discussão, mas esse trabalho quis dar oportunidade de contar com a sensibilidade feminina, falar do cangaço por outra perspectiva, sob outro olhar; o olhar do sofrimento, da nostalgia de um tempo passado que não se esquece memórias de mulheres, ainda adolescentes, que foram raptadas do convívio familiar para satisfazer a vontade prepotente de homens “destinados” ao crime, aos conflitos, a morte...

Esse trabalho quis escutar “Sila”, “Dadá”, Aristéia, Durvalina e Adília. Preparamos um espaço para essas vozes, para os gestos e as angústias, ao mesmo tempo, convidamos para essa discussão reflexões de cunho teóricas para realizar o movimento de biografização das ex-cangaceiras que estiveram ligadas ao cangaço lampiônico, um exercício sobre si mesmo foi à proposta central deste trabalho. Com esta pesquisa, desejamos oferecer a academia novas possibilidades acerca da profusão das narrativas autobiográficas na constituição do sujeito descentrado, fragmentado e subjetivado pela ação histórica. Talvez, nossas abordagens não tenham ido tão longe, as pesquisas, a priori, parecem um tanto limitadas, gostaríamos de aprofundar mais essas memórias, ter acesso a outros elementos que contribuam com a temática em questão, adentrar nas particularidades de outras mulheres que estiveram ligadas ao movimento do cangaço.

Desejaríamos acompanhar outras histórias, vasculhar outros *ditos*, ampliar nosso leque de discussões, ouvir os silêncios de uma Dulce, Enedina, Maria, mulher de Pancada, Dinda, Sebastiana, Verônica, Maria de Juriti, Inacinha..., mas, no presente instante nos vale as ricas memórias “descobertas” ao longo dessa pesquisa historiográfica. Mas essas memórias não encerram por aqui, as ex-cangaceiras continuam a dizer algo, dando um novo sentido ao cangaço lampiônico, falam de um passado não tão distante, e mesmo tão presente, esse passado caminha num contínuo processo de transformação a partir de uma *escrita de si*.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: Carla Bassanezi Pinsky (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, v.1.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Um leque que respira: A questão do objeto em História. In.: *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História*. Bauru-SP: Edusc, 2007.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- _____. Nietzsche: O eterno retorno e a memória do futuro. In.: *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- BARROZO, Gustavo. *Almas de Lama e de Aço: Lampeão e outros Cangaceiros*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- BRUM, José Thomaz. O instante – Nietzsche e Jankélévitch. In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- CAMPELLO, Cristie. O ressentimento, o esquecimento e o riso: A memória numa perspectiva nietzschiana. In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- CAVALCANTI, Silêide Leila Oliveira. Autobiografias em questão: epistemologia, estética existencial e narrativas de si. In.: APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de (Org.). *Diálogos Interdisciplinares entre Fontes Documentais e Pesquisa Histórica*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampeão, o rei dos cangaceiros*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- DAMASCENO, Leticia. As fronteiras do outro: memória, corpo e alteridade. In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- FERREIRA, Vera; AMAURY, Antonio. *De Virgolino a Lampeão*. 2.ed. Aracaju, 2009.
- FOUCAULT, Michel. “A Escrita de Si”. *Ditos e Escritos*. v. V. *Ética, sexualidade e política*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbaso. Rio de Janeiro: Forense, 2004 [1983].
- GONDAR, Jô. Memória, tempo e História. In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: O retorno do autor e a virada etnográfica*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LISSOVSKY, Maurício. O que fazem as fotografias quando não estamos olhando para elas? In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. São Paulo: A Girafa Editora, 2004.

PEREIRA, Auricélia Lopes; MUNIZ, Roberto Silva. A hermenêutica nas dobras da (in)compreensão. In.: APOLINÁRIO, Juciene Ricarte; SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de (Orgs.). *Diálogos Interdisciplinares entre Fontes Documentais e Pesquisa Histórica*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

_____. *O rei do cangaço e os vários Lampiões*. 2001. Dissertação. Programa de Pós-graduação de História do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2000.

PINHEIRO, Paulo. O tempo diferencial da memória do poeta (por uma leitura Deleuziana do entusiasmo poético). In.: BARRENECHEA, Miguel Angel de (Org.). *As dobras da memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol 2., n 3, 1989, p.3-15.

RICOUER, Paul. Memória Pessoal, Memória Coletiva. Nota de orientação. In: ----- *A Memória, a história, o esquecimento*. (Tradução Alain François [ET AL]). Campinas: UNICAMP, 2007.

SOUZA “SILA”, Ilda Ribeiro de; ORRICO, Israel (Zai) Araújo. *Sila: uma cangaceira de Lampião*. São Paulo: Traço Editora, 1984.

_____. *Sila memórias de guerra e paz*. Recife: Imprensa Universitária - UFRPE, 1995.

REVISTAS E PERIÓDICOS

QUEIROZ, Rosane. “Fui cangaceira do bando de Lampião”. *Marie Claire*, São Paulo, SP, n.114, p.101-104, set. 2000.

JORNAIS

Mulher de cangaceiro tem saudades da caatinga. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 de mar. 1988. Cidade, p.9.

Sila, do bando de Lampião: “No cangaço, a mulher evitou que muita coisa ruim acontecesse”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 3 de jul. 1985. Viver, p.1.

SITES ELETRÔNICOS

A mulher no cangaço, 1976. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=g6n2ia1Bb04>. Acesso em 18 de set de 2014.

A musa do Cangaço (parte 1). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=YDPJYidXn6Q>. Acesso em 19 de set de 2014.

Daniel Lins e Sila. Acervo Aderbal Nogueira. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=49eFSmJ6wWM&list=PL_ljFMyPaW5NNglqbhE-VMgl6DfM8iuqU&index=18>. Acesso em 09 de nov de 2014.

Depoimentos – Lampião e Cangaço. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=ajdmpHiZKso>. Acesso em 18 de set de 2014.

Entrevista Sila, no programa da Silvia Popovic. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=Ttha_9p7aKo>. Acesso em 29 de ago de 2014.

Ex-cangaceiros Moreno, Durvinha e Aristéia se reencontram no Ceará <<https://www.youtube.com/watch?v=6srdsgy3CYE>>. Acesso em 27 de out de 2014.

Sila 2. Acervo Aderbal Nogueira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1JmsNraI6Jo&list=PL_ljFMyPaW5NNglqbhE-VMgl6DfM8iuqU&index=17>. Acesso em 27 de out de 2014.

EVENTO COMO UM TODO EM MEIO ELETRÔNICO

Simpósio: A trajetória do cangaço e sua repercussão social. Aracajú-SE. 1988. 1 DVD.

“Sila” na UFRPE. Recife-PE. 1 DVD.

FONTES ORAIS

MARQUES, Paulo de Moraes (Pró-reitor da UFRPE na década de 1980). Entrevista concedida a Wesley Rangel Brasileiro dos Santos. Campina Grande-PB: 29 de set de 2014.